

UMA HISTÓRIA DE
**NEVER
SKY**



BROOKE

VERONICA ROSSI

ROCCO
JUVENES LECTORES



VERONICA ROSSI

BROOKE

UMA HISTÓRIA DE NEVER SKY

TRADUÇÃO
ALICE KLESCK

ROCCO
JOVENS LEITORES

SUMÁRIO

Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Créditos

A Autora

Teaser de *A caminho do azul sereno*

CAPÍTULO I

A brisa que sinto é ilusória. Ela traz o cheiro de ervas queimando, um cheiro que remete a ocasiões felizes, como cerimônias de casamento e festas para celebrar a colheita. Marron acredita que as ervas melhoram o astral e nos ajudam a esquecer que estamos vivendo numa caverna.

Como se isso fosse possível.

As ervas não disfarçam o fedor de doença e da água pútrida. O frio que faz aqui também não ajuda em nada. Um frio de gelar os ossos. De rachar a pele. As ervas tampouco têm qualquer efeito contra a escuridão, uma escuridão tão intensa que traga você como uma correnteza revolta, arrancando-lhe o ar dos pulmões, incitando pesadelos em sua imaginação. As ervas não me impedem de ver as paredes de pedras que estão por todos os lados, superfícies ásperas e marcadas, como pedaços de carne arrancados de um animal.

Não há como esquecer onde estamos. Não há perfume que possa afastar meu pensamento desta tumba fria e fétida nem me fazer esquecer do Éter que nos colocou aqui, ao destruir o mundo lá fora.

Olho à minha volta, para a caverna dos Ocupantes, onde estou presa, ajudando Molly. De todos os lugares, esse é o mais desesperador.

— Ajude-me! — geme alguém atrás de mim.

— Água — geme outra voz, vindo das sombras.

Os ruídos dos Ocupantes ofegando e gemendo não haviam cessado, desde que cheguei.

Eles estão doentes. Todos estão lutando para sobreviver aqui do “lado de fora”, longe do lar deles, o núcleo dos Ocupantes.

Ajoelho perto de uma menina Ocupante embrulhada em cobertores de lã. Ela tem uns oito anos, idade da minha irmã, e está cinzenta de tão pálida. Seus olhos se reviram por conta da febre e ela tem uma aparência ligeiramente monstruosa,

mas não consigo me comover. Faz menos de um dia que minha irmã voltou. Eu deveria estar com a Clara, não com esta estranha.

Vendo seu estado lamentável, nem me dou ao trabalho de dar água a ela. Se o fizer, a água vai simplesmente escorrer pela lateral de seu rosto, como aconteceu com os três estranhos antes dela. Portanto, eu me levanto e sigo até o Ocupante seguinte.

— Está tudo bem, Brooke? — pergunta Molly, do outro lado da caverna.

Paro, subitamente, e o jarro derrama algumas gotas em minha mão.

— Está, sim, Molly. Está tudo ótimo. — Estou certa de que minha repulsa pelos Ocupantes está clara em meu rosto. — Só estou tentando decidir qual deles está pior. Não é tarefa fácil.

Doze horas antes, os Tatus chegaram em uma aeronave, com Perry e seu novo brinquedo, Ária. São pouco mais de quarenta Ocupantes no total. Até onde eu sei, ninguém sucumbiu à doença ou morreu. Logo que nos viram, todos pareceram apavorados, como se achassem que fôssemos assá-los para o jantar. Adorei aquilo.

Em menos de uma hora, o primeiro Ocupante caiu doente. Então, foi como uma avalanche de doença, conforme eles iam caindo um após o outro, até que estavam todos quase inconscientes. Molly providenciou para que eles fossem trazidos para cá, até esta gruta mais isolada, nas profundezas da caverna, para que pudessem suar, gemer e lutar por sua vida.

Gren me contou grande parte disso, porque não fiquei por perto depois que eles chegaram. Os Ocupantes não foram os únicos que vieram daquele núcleo. Minha irmã Clara também veio. Assim que pousei os olhos nela, não vi mais nada. Fazia um ano que Clara estava desaparecida e senti sua falta todos os dias em que fiquei longe dela.

— Apenas siga em frente, em ordem — era o que Molly me dizia agora. — Atenda um de cada vez. Todos precisam de ajuda.

Olho à minha volta, vendo os amontoados de doentes trêmulos. Eles precisam é de um milagre.

— Por que continuamos dando água, se eles simplesmente vomitam?

— Porque, do contrário, ficarão desidratados.

— Mas eles não retêm a água.

Molly ergue-se do Ocupante que estava ajudando e se aproxima. Solta um

pequeno gemido ao se ajoelhar ao meu lado. Com o trabalho adicional e a umidade da caverna, suas juntas estão incomodando mais que o normal.

— Eles podem reter um pouquinho — diz ela. — Temos que torcer para isso.

Ela observa a Ocupante à sua frente, uma menina da minha idade, e seu rosto se abrandava de compaixão. A menina é delicada como um passarinho, com cabelo preto curto espetado para cima, como folhas de uma alcachofra. O tom esverdeado de sua pele só realça a semelhança. Como todos os Ocupantes ao meu redor, seu sistema imunológico ruiu. Ela parece quase pronta para um sepultamento no mar.

— O nome dela é Rune. — Molly passa a mão na cabeça da garota, alisando seu cabelo. — Falei com ela rapidamente, quando ela acordou, um tempinho atrás. Ela é uma das amigas de Ária.

Não dá para acreditar que ela tem coragem de tocar neles.

— E você está me contando isso por quê?

Os olhos cor de âmbar de Molly encontram os meus. Ela balança levemente a cabeça, mas sua expressão é bondosa.

— Você poderia se esforçar um pouquinho, Brooke.

— Eu *estou* me esforçando, Molly. Na verdade, estou fazendo *muitos* esforços. Estou dando água a eles. Seguro os baldes enquanto vomitam. Sabe o garoto? O encrenqueiro, o tal de Soren? Faz dez minutos que ele vomitou em mim. *Vomitou em mim!* Olhe a minha manga. — Eu estendo o braço para mostrar a ela. O que mais eu devo fazer? Deixei de estar ao lado da minha irmã para estar aqui.

Molly me observa como quem não tem certeza se quer falar mais alguma coisa. Percebo as rugas ao redor de seus olhos. Seu rosto tem uma camada de transpiração, com algumas gotas mais pesadas acima dos lábios finos. Ela está exausta. Está ali desde que os Ocupantes chegaram. Eu gostaria que ela não se preocupasse tanto com todos. Isso está lhe sugando a vida.

Sua atenção é desviada e seus olhos cintilam com o reflexo da lamparina, ao olhar os Ocupantes febris ao redor da caverna.

— Você está certa. — Molly afasta uma mecha de cabelo do rosto e dá um longo suspiro. — Precisamos encontrar outro jeito de lidar com isso. É melhor que eu tenha uma conversa com Marron para ver o que mais podemos fazer. — Com um gemido contido, ela se levanta. — Você terá que ficar aqui sozinha, por alguns minutos. — Ela hesita. — Tente ser agradável, está bem, Brooke?

— Claro. Vou tentar — rosno, embora eu não vá fazer isso. Gente que *tenta* ser

agradável é falsa. São mentirosos. Você nunca deve se forçar a se comportar de uma determinada forma. Deve simplesmente *ser*. Talvez não agrade todo mundo, mas, pelo menos será honesto. — Quando você voltar, eu posso ir? Quero ver a minha irmã.

Queria poder ficar o tempo todo com a Clara. Ela mudou tanto em um ano. Não apenas na aparência; está mais alta, mais magra e mais velha. Ela agora fala como os Ocupantes, num tom cortante. Até se move como eles, ligeiramente hesitante, meio empinada. Preciso tirar isso dela.

— Você voltará a vê-la em breve. Todos temos que trabalhar aqui e não se esqueça de que foram os Ocupantes que trouxeram Clara de volta.

— Foram os Ocupantes que a levaram.

— O rapto dela não foi só culpa deles.

Não posso discordar com o que ela disse.

Vale, irmão de Perry, foi responsável pelo rapto de Clara, assim como os Ocupantes. Possivelmente até mais, já que ele era nosso Soberano de Sangue. Era responsabilidade dele nos proteger, mas o que ele fez? Ele vendeu minha irmã e vendeu seu próprio filho, Talon.

Por comida.

Depois, tentou culpar Perry.

Não sou a única da tribo dos Marés ainda com dificuldade em aceitar o quanto Vale era desonesto. É estranho como você pode saber de algo — conhecer a verdade cruel e dilacerante —, mas ainda assim tentar retorcer ou deturpar os fatos, para adequá-los melhor à sua mente.

Molly pisca para mim e sai da caverna, sabendo que saiu vitoriosa de nossa pequena discussão.

Depois que ela vai embora, eu me ajoelho ao lado de Soren. Um pouco antes, descobri pela Molly que ele ajudou Ária dentro do Núcleo. Eu deveria desgostar dele por isso, mas ele é o mais saudável aqui, logo, é o meu favorito. Embora tenha deixado a minha manga encharcada.

— Se eu lhe der água novamente, será que dá para engolir tudo desta vez? — pergunto, vendo que seus olhos estão abertos. Quase nada, mas estão.

— Não posso prometer nada — responde Soren, com a voz rouca. Ele está brincando, outro motivo para ser meu favorito. Este lugar é o inferno. Se você consegue brincar aqui, pode encarar qualquer coisa.

— Tudo bem, mas desta vez mire para o outro lado, combinado?

Ele assente e abre os lábios. Levo a água até eles e a despejo lentamente em sua boca. Ele está pálido e suarento, mas, se não fosse um Ocupante, até que ele não seria feio. Tem um rosto forte, com sobrancelhas grossas e olhos que parecem não deixar escapar muita coisa, mesmo neste estado, com olhar vidrado e doente.

Todos os Ocupantes tem a pele perfeita, sem rugas ou cicatrizes, sem defeitos. Acho que essas imperfeições eram eliminadas nos núcleos. Tenho sorte de ter naturalmente uma aparência tão boa quanto a deles — ou melhor, na verdade.

Dá para ver que Soren está tomando golinhos cautelosos, para segurar a água no estômago.

— Como é mesmo o seu nome? — pergunta ele baixinho, ao terminar.

— Não vou lhe dizer novamente. — Só me falta agora ter quarenta Ocupantes gemendo “Brooke” o dia todo.

— Lá fora... o que está acontecendo? Ele está ligeiramente ofegante. Beber deixou Soren sem ar.

— Éter. Muito.

Ele estreita os olhos, como se tentasse imaginar o céu lá de fora e uma ruguinha surge em sua sobrancelha.

— Como nós vamos...

— Não há nada que você possa fazer pra ajudar — garanto a ele —, principalmente neste estado patético, portanto, apenas volte a dormir. — Eu levanto e sigo até a pessoa seguinte.

Molly diz que não estou me empenhando o bastante com essa gente, mas eu realmente acho que ela não está prestando atenção.

Meu caminho pela caverna é metódico. E premeditado. Vou seguindo meu caminho na direção de Ária, que consegui evitar até agora.

Eu não queria que Molly ficasse me observando perto dela. Não queria senti-la me policiando, pensando que talvez eu pudesse tentar *machucar* Ária. Ficar sob essa desconfiança me deixaria irritada, embora a ideia de fazer mal a garota tenha lá seus atrativos.

Levo dez minutos para chegar ao lado de Ária. Dando uma olhada em volta, para ter certeza de que ninguém está me observando, eu me ajoelho a seu lado, me aproximando o mais silenciosamente possível. Ela está dormindo profundamente, ou talvez esteja inconsciente, mas ela é uma Audi. Não quero correr nenhum risco

de acordá-la.

Enquanto a observo, meu coração começa a disparar e meu rosto esquenta de raiva.

Seu braço direito está enfaixado, mas o sangue está minando na atadura, tingindo a gaze branca com manchas em vermelho vivo.

Aparentemente, ela levou um tiro no braço.

Parece que está infeccionando.

Acho que eu deveria me sentir mal por ela.

Não consigo.

Até que está com uma boa aparência para alguém que tomou um tiro. Isso, de fato, é evidente. Seus cabelos são tão negros quanto a escuridão que me cerca, mas brilham como um diamante. Sua pele é branca como a lua e ela respira como uma Audi.

Sem ruído algum. Elegante. Delicada.

Eu sou louca e forte, ruidosa e determinada, e ninguém jamais vai me chamar de elegante. Ninguém jamais me verá como delicada. Ela é tudo que eu não sou.

E Perry a escolheu.

Em vez de mim.

Dou um suspiro lento e trêmulo. Debruçando-me acima dela, imagino Perry a beijando. O fogo revolve em meu estômago, esquentando mais a cada segundo que passa. O calor torna-se insuportável; eu quase espero ver a labareda através da minha blusa.

Não consigo mais suportar, então, ponho para fora. As palavras despejam dos meus lábios.

— Você provavelmente não pode me ouvir — sussurro —, mas eu te odeio. Odeio que tenha roubado o homem que eu amo. Ele era meu e nós éramos felizes até você aparecer. Talvez você pense que remediou isso ao trazer Clara de volta, mas, não. Perry deveria ser meu. Não seu.

Sento-me sobre meus tornozelos. O fogo ainda me revolve por dentro. Desabafar não me ajudou em nada.

Passos surgem por trás de mim. Meu coração quase sai pela boca e viro para ver uma silhueta vindo da sombra.

Perry.

Agradeço aos céus por ele não ser um Audi, ou teria ouvido tudo que acabei de

falar. Então, eu me lembro de que ele é um Olfativo e duas coisas passam pela minha cabeça: ele saberá do meu sentimento de ódio por Ária e vai sentir o cheiro do vômito em mim.

Levantando, eu puxo a manga da blusa para trás das costas e penso em minha lembrança mais feliz, na esperança de abrandar a amargura que meu temperamento certamente exala.

A risadinha de Clara me vem à cabeça. O barulhinho borbulhante que minha irmã faz quando ri — tomara que ainda faça, depois do tempo que passou com os Ocupantes — é tudo em que consigo pensar, mas é o suficiente para me fazer sorrir.

Perry para na minha frente, mas seus olhos se fixam em Ária por um momento. Ele está com o cabelo puxado para trás, com as tranças mais curtas presas atrás da orelha.

— Oi, Brooke.

— Oi, Per. — Fico aliviada em ver que ele parece calmo.

Ele apoia o peso do corpo num dos quadris, enquanto olha em volta.

— Pelo jeito, parece que a situação não melhorou muito.

Meus olhos desviam para sua cintura fina e depois para a calça de couro surrada que cobre suas pernas compridas e musculosas. Agora ele está com dezenove anos e a única coisa que ainda tem de menino é o porte esguio. A magreza que o faz parecer ainda mais alto do que é.

Admiro seu nariz torto, as maçãs saltadas no rosto. O verde radiante de seus olhos implacáveis. Ele amadureceu e se moldou como uma concha do mar. Lindo, mesmo sendo exatamente o oposto da perfeição comum dos Ocupantes.

Ele me olha de volta, esperando que eu responda. Tenho vontade de dizer que o lugar melhorou no instante em que ele apareceu. Era o tipo de coisa que eu diria, um tempo atrás. Mas tudo que eu digo é:

— Na verdade, não. Se algo mudou é que eles estão piores.

— Como está ela? — pergunta, apontando com o queixo para Ária.

O fogo em meu estômago crepita. Enquanto eu estava babando com sua beleza, ele estava pensando em Ária.

Estou perdendo para uma garota que está inconsciente.

— Não sei. — Uma hora antes, Molly e Marron estavam perto da Ária, discutindo o estado dela, mas eu não ouvi o que eles disseram. Tudo que sei é que

o ferimento parece estar inflamando, mas isso vale para muita coisa por aqui.

Perry exala devagar e seu olhar recai diretamente sobre mim. Ele não está mais pensando em Ária. Ele está pensando em mim. Sei por que seus olhos ficam sombrios e ele subitamente parece culpado. Talvez até um pouco preocupado.

— Venha dar uma volta comigo, Brooke?

Por essa eu não esperava.

— Agora, não posso — retruco. Há meses, tudo que eu queria era ficar algum tempo sozinha com ele, mas agora me pego tentando escapar. — A Molly quer que eu...

— Acabei de vê-la. Está mandando o Marron e mais algumas pessoas pra cá. Ela disse que você pode ir.

— Ah. Está bem.

Ao sairmos, fico contente por ele seguir na minha frente, para que eu possa tentar me recompor. Sei que nada vai acontecer entre nós, mas parece que meu corpo não sabe disso. Meu pulso acelera e a expectativa corre em minhas veias. É uma sensação familiar. Seis meses atrás, nós entrávamos escondidos nesta caverna, com Roar e Liv vindo logo atrás, e eu caía nos braços de Perry.

— Brooke — diz ele, subitamente virando para me encarar. Estamos em algum lugar, nos corredores sinuosos da caverna, dentro da montanha. Há uma lamparina bem adiante, mas é uma luz fraca. Só dá para ver um pequeno ponto cintilante da corrente de Soberano de Sangue, no pescoço de Perry. — Como você está?

Os sons reverberam em volta, por dentro da rocha, e embora ele esteja a dois passos de distância, parece ter cochichado a pergunta dentro do meu ouvido. A pele dos meus braços fica toda arrepiada.

— A Clara voltou. A Liv está morta. Como acha que estou?

Foi um comentário áspero, mas não sei o que mais dizer. Ele me rejeitou. Será que realmente espera que eu me abra com ele? De qualquer forma, não sei por que ele está me fazendo essa pergunta. Se alguém aqui sabe como estou me sentindo, esse alguém é Perry. O sobrinho dele, Talon, foi raptado, assim como Clara. E Liv era irmã de Perry. Ele também a perdeu.

Não há palavras para descrever os sentimentos conflitantes dentro de mim. Minha amiga se foi; minha irmã voltou. Estou fervilhando, ainda assim, me sinto gélida até os ossos. Estou zangada. E mais triste do que jamais estive na vida. Meus

sentimentos sobem e descem com o levantar voo e o mergulho de um falcão.

Estou com medo. Estou sozinha. Não sei o que sou, e sinto falta dele, e ele não me fez esta pergunta porque sabe. Ele consegue farejar. Está vivenciando o que estou sentindo. Está inalando a minha dor.

Perry solta o ar devagar.

— Tem alguma coisa que eu possa fazer?

— Você já tem bastante coisa pra fazer.

— Eu me preocupo com você, Brooke.

— Não se preocupa, não. Eu sei com quem você se preocupa. — Aponto a caverna dos Ocupantes. — Ela está lá dentro.

Não queria ter dito nada disso. Às vezes, gostaria de ter uma rolha para poder fechar minha boca.

Perry dá um passo se aproximando, com a voz mais suave, falando mais baixinho.

— Ária e eu estamos juntos e isso não vai mudar. Mas quero que as coisas mudem entre nós dois. Quero que nós dois possamos superar isso.

— Não existe mais *nós dois*, Peregrine. Você garantiu isso.

Não consigo mais olhar em seus olhos aflitos por mais nem um minuto; então, olho para os elos de sua corrente. Quero enroscar meus dedos na corrente e puxar sua boca até a minha. Quero sentir seus lábios. Sua língua. Seu corpo.

Não faz sentido. Ele partiu meu coração e eu ainda o quero tanto. Como é possível?

Talvez eu tenha sido contaminada pela febre dos Ocupantes. Talvez esteja delirando.

Nós ficamos em silêncio por um bocado de tempo, que, provavelmente, não passou de alguns segundos. Mas não consigo sair, nem ele, e toda vez que ele fala, eu me sinto pior.

— Brooke... você é uma das melhores pessoas que eu conheço — diz ele, baixinho, rompendo o silêncio.

As palavras caem como gelo em minha pele.

— Sou mesmo, Perry? Que ótimo saber disso. — Dou um passo à frente. Ele não recua. Preciso inclinar a cabeça para trás para olhar nos olhos dele. Estamos a apenas alguns centímetros de distância. Não tão perto quanto gostaria que estivéssemos. — Quer saber de uma coisa? Você é um dos melhores Soberanos de

Sangue que conheço. Como é para você ser *quase* o melhor?

Silêncio. Um músculo se retrai no maxilar dele, mas ele não diz nada.

— É igual a não ser bom o suficiente, não é verdade? — digo.

— Você está distorcendo minhas palavras. Não foi isso que eu quis...

— Foi, sim, Perry. É o que você quer dizer, *sim*. Admita. Não sou boa o bastante para você.

Antes que ele pudesse dizer mais uma palavra, eu viro de costas e sigo em direção à escuridão. Nem me dou ao trabalho de tentar caminhar. Corro.

Meus pés batem no chão de pedras num ritmo indiferente, mas não ouço som algum. Nem os pés batendo, nem minha respiração. Apenas uma única súplica em meu coração, tomando meus pensamentos.

Saia do meu coração, Perry.

Por favor. Saia do meu coração.

CAPÍTULO 2

Por causa das horas que passei ajudando Molly, perdi o jantar com minha irmã. Isso me irrita mais que qualquer outra coisa que aconteceu hoje.

Minha barriga ronca ruidosamente de fome, como se exigisse ser ouvida. Quase posso ouvir a desgraçada me provocando: *Achou que vômito e coração partido fossem tudo? Que tolinha.*

Quero encontrar Clara, mas primeiro dou uma rápida passada pela gruta tumultuada que usamos como cozinha, grata por achar um pedaço de pão sobrando. Está queimado e tão duro que mais parece um pedaço de lenha, mas é comida. Tiro o punhal do cinto e corto o pão ao meio, depois ponho um pedaço de queijo de cabra dentro. Sigo à caverna principal, tentando não quebrar nenhum dente, enquanto devoro minha refeição mirrada.

Quando descobrimos que íamos nos mudar da aldeia dos Marés para esta caverna, Marron assumiu a responsabilidade de torná-la o mais habitável possível. Mandou instalar uma plataforma de madeira no centro da gruta principal — um tablado de pouco mais de um palmo de altura e cinco metros quadrados. Segundo ele, as pessoas precisavam de um local maisajeitado para sentar e comer.

Na hora, me pareceu muito trabalho para pouca coisa, mas ele estava certo em mandar construir o negócio. A plataforma sempre tem pelo menos uma dúzia de pessoas sentadas lá. É onde nos reunimos para conversar e passamos nosso tempo livre — o pouco que temos.

A plataforma é minha primeira parada, em minha busca por Clara e já estou sorrindo, antes mesmo de chegar lá. Só em pensar na minha irmã me faz esquecer o comentário de Perry: *Você é uma das melhores pessoas que eu conheço.*

— Brooke! — É Gren quem grita meu nome. Ele está à esquerda da plataforma. Gren é um dos Seis. Os três irmãos Videntes também estão com ele. Twig não está ali — está fora, com Roar — e Reef também está ausente, provavelmente gritando

com alguém por conta de alguma coisa. Portanto, neste momento, os Seis são, na verdade, Quatro.

Apesar de serem relativamente jovens, os Seis são mais durões que os homens nascidos em minha tribo. Eles têm uma “dureza fronteira”, segundo meu pai. São guerreiros até o âmago. Antes, formavam um bando vagante, sem lealdade a nenhum Soberano de Sangue. Não fosse por Perry, que conquistou a lealdade deles e os trouxe para os Marés, ainda estariam nas terras fronteiriças.

Perry é assim. Sempre arrebanhando os desgarrados. Vejo a prova disso por toda parte. Em Marron e nos Seis. Nos Ocupantes. Até num vira-lata, como o Flea. Perry nunca desprezava ninguém.

Só a mim.

— E aí? — Caminho até eles, pousando a mão num dos quadris. De canto de olho, vejo que deixei cair farelos nos meus peitos, então, passo a mão neles para me limpar.

As bochechas de Hyde ficam vermelhas como um pimentão. Hayden e Straggler começam a se cutucar. O sorriso de Gren aumenta ainda mais e seus olhos deixam meu rosto e me percorrem de cima a baixo.

Eu reviro os olhos. Gren e Hayden têm vinte e poucos anos, ao contrário de Hyde e Straggler, que têm perto da minha idade, dezenove, mas todos eles se comportam como se tivessem doze anos. Doze anos, se você somar a idade dos quatro.

— O que você quer? — pergunto a Gren.

— Você, Brooke — responde ele, imediatamente. — Preciso de você.

Balanço a cabeça. Lá vem.

— Eu também — diz Hayden. — Estou desesperado por você.

— Não preste atenção neles, Brooke — retruca Hyde. — *Eu* preciso de você.

— Sou eu quem mais precisa — implora Straggler, o irmão caçula.

— Fique fora disso, garoto. Você não entende nada de mulheres — exclama Gren.

— Por isso mesmo que eu sou quem mais precisa! Me ensina, Brooke!

Eu os deixo falar por um tempinho. Gosto dos Seis. Conheço todos os homens dos Marés, desde que nasci, e sou parente de quase metade deles, por isso é divertido ter garotos novos por perto. Estão sempre brincando, mas já lutei ao lado deles, confio neles. Podem ser meio grosseiros, mas me respeitam. Ai deles, se não

respeitassem.

— Viram a minha irmã? — digo, cortando a brincadeira.

O silêncio recai sobre eles. Os sorrisos vão sumindo e eles se entreolham, como se tivessem recebido um problema complicado para resolver. Ainda bem que o Bear, que estava sentado ali perto, me ouve.

— Com seus pais — diz ele. — Eles a levaram para a cama.

— Até mais — digo aos Seis. Sigo até a seção reclusa da caverna principal, onde armamos tendas, torcendo para ver a Clara antes que tenha dormido.

Gren corre até meu lado, tão silenciosamente que quase não percebo quando se aproxima. Seus cabelos rebeldes e ondulados parecem cobre batido na penumbra. É o mais brincalhão dos Seis. Quando tem alguma molecagem rolando, geralmente está no comando. Por isso, já estou começando a sorrir, antes mesmo que ele fale.

— Teve novidade na patrulha desta tarde. Intrusos foram avistados.

Sinto uma leve onda de adrenalina. E paro.

— Intrusos?

Os lábios de Gren estão contraídos, formando uma linha reta. Ele assente.

— Um grupo pequeno. Bem depois da margem nordeste.

— Quem? Quantos?

— Não sei ao certo. Talvez três ou quatro. Morgan e Pierce estavam lá. Não conseguiram ver direito.

Morgan e Pierce não são Videntes. A visão deles não tem nem metade da potência da minha. Eu teria visto tudo. Eu deveria estar lá, esta tarde, em vez de ficar servindo água para os Tatus.

Quando nos mudamos para esta caverna, abrimos mão da aldeia dos Marés, mas ainda é nosso território. Ainda protegemos nossa terra. Temos que defender nossa comida e nosso abrigo; não podemos correr o risco de perdê-los. A notícia de Gren pode representar um problema de verdade. Estranhos em território dos Marés pode significar uma invasão.

— O Perry já sabe? — pergunto.

— O Reef está contando pra ele agora. Vamos até lá, esta noite, pra tentar ver melhor. Você está livre?

Não há nada que eu queira mais do que me aconchegar à minha irmã e adormecer. Mas sou da tribo dos Marés. Esta tribo é minha família e farei

qualquer coisa para protegê-la.

— Me dê um tempinho para ver a Clara, mas estarei lá.

Gren sorri.

— Ótimo. — Ele sai andando, depois para e se vira para mim. — Eu disse que nós precisávamos de você.

Ao passar pela pesada aba de lona na abertura da tenda da minha família, eu encontro minha mãe e irmã sentadas no estrado da cama sobre o chão. Minha mãe está escovando o cabelo de Clara, e as duas estão viradas de frente para mim, os rostos iluminados pela lamparina pousada no caixote ao lado delas.

Embora elas se pareçam, como mãe e filha, e se pareçam comigo, com imensos olhos azuis de Videntes, e rostos em formato de coração, suas expressões não poderiam ser mais diferentes.

Minha mãe está sorrindo. Estava falando, enquanto passava a escova nos longos cabelos de Clara, até que eu entrei. Agora sua mão está parada e seu rosto empolgado e alegre se ergue para mim.

Durante o ano passado, eu a ouvia chorar toda noite. E imaginava se ela voltaria a ser feliz. Imaginava se algum dia pararia de chorar.

Esta noite, não estarei aqui, mas sei que ela não vai chorar.

Sua filha voltou. Sua garotinha. Seu raio de Sol, como ela chama Clara.

E Clara é, mesmo, um raio de Sol. Radiante, dourada e alegre. A criança cujos gritinhos de alegria sempre eram ouvidos pela aldeia. Aquela que sempre corria de um lado para outro, nunca andava. Nunca fazia nada sem uma dose extra de energia.

A menina, cujos cabelos estão sendo escovados, não parece mais tão radiante e alegre.

O rosto de Clara ainda tem o vigor rechonchudo de um rosto de bebê, mas seus olhos azuis estão sérios, são olhos de um adulto. Vejo o lampejo de uma expressão amedrontada e perdida neles, pouco antes que ela a disfarce com um sorriso.

— Oi, Brookie — diz ela, voltando a ser raio de Sol. Tão radiante que chega a cegar. Tão radiante que você nem consegue vê-la.

Sigo até minha mãe e dou um beijo no alto de sua cabeça.

Ela ri.

— Por que o beijo?

Não sou muito de demonstrar afeto.

— Porque sim, ora. — Porque eu quero mantê-la feliz.

Estendo a mão.

— Posso terminar?

— Claro. — Minha mãe me entrega a escova e se afasta. — Vou pegar um pouco de água e mais alguns cobertores para nós. Vai esfriar esta noite.

Não vai. A temperatura ali dentro não muda. Sempre faz um frio desconfortável. Mas sei que ela quer que tudo esteja perfeito para a primeira noite após o regresso de Clara.

Minha mãe para junto à aba da barraca, desviando o olhar de mim para Clara. O amor em seus olhos é tão forte que me sinto abraçada.

— Minhas lindas meninas — diz ela, depois sai.

Eu me sento atrás de Clara e escovo seus cabelos, deixando o silêncio pairar. As pessoas estão indo deitar em suas tendas à nossa volta. A cada escovada que dou nos cabelos alourados de minha irmã, o som de passos e vozes vai diminuindo.

— Você está sentindo falta da Liv? — pergunta Clara. Sua voz é tão baixa que quase não ouço.

Não sei como ficou sabendo de Liv. Será que foi pelo Talon? Por minha mãe? O que mais ela sabe que me surpreenderá? Houve uma época em que eu conseguia prever tudo que Clara dizia e fazia. Um ano separadas mudou isso.

— Sinto falta dela, sim — respondo.

— Mas você vai ficar bem? Sem ela, eu quero dizer.

Meus olhos se enchem de lágrimas. Clara foi a única pessoa que me perguntou isso. Todo mundo só se preocupa com o Éter, ou com os Ocupantes, ou com Cinder, ou com Roar.

— Você está de volta, Clara. Portanto, sim, eu ficarei bem.

— Eu também devo ficar. Porque estou de volta.

Apoio a escova no meu colo. O que ela não está dizendo é bem mais gritante do que está sendo dito. Não posso fingir que não sei o que ela quer dizer.

— Mas você não está, não é?

Clara balança a cabeça negativamente.

Um bolo surge em minha garganta.

— Por quê, meu benzinho?

Seus ombros estreitos se encolhem. Foi uma pergunta imbecil.

Clara não foi ferida em Quimera. Parece que os Ocupantes a trataram bem, mas ela foi levada de nós, passou mais de um ano como *cobaia*. Agora nós a trouxemos de volta, mas o mundo está incendiando, o céu é um manto de Éter e nós estamos vivendo em uma caverna horrível, podre e escura.

Clara não é a única que mudou ao longo do último ano. Os Marés mudaram. *Tudo* mudou.

Ela tem todos os motivos do mundo para se sentir amedrontada e perdida.

— Você contou isso para mamãe? — sussurro.

Clara balança a cabeça com força e sei que estamos pensando a mesma coisa. O mínimo que ela pode fazer — o mínimo que *nós* podemos fazer — é poupar nossos pais de qualquer dor. Eles já sofreram bastante.

É por esse mesmo motivo que eu contei à minha mãe o quanto tenho sofrido pela perda de Liv. O quanto sofro, cada vez que vejo Perry. O quanto sinto falta até do imbecil e irresistível Roar, que deveria estar aqui. Roar é irritante, mas pelo menos entenderia o que estou passando. Mas ele não está aqui.

Minha melhor amiga está morta. Roar está longe. Perry escolheu outra. Estou sem alternativas. Não posso recorrer a mais ninguém.

Todos nós estamos sofrendo ou sentindo falta de alguém. Estão todos amedrontados, portanto, você não pode falar de suas angústias porque há angústia por todo lado. Quando todos que você conhece estão prestes a se afogar, você não reclama para a pessoa que está do seu lado que não gosta de nadar.

Simplesmente não se faz isso.

Deixo a escova de lado e envolvo Clara em um abraço. Ela está maior do que eu me lembrava, mas ainda parece tão pequena. Puxo-a para perto e ela se aninha junto a mim, virando para que eu veja seu rosto. Os olhos grandes de Clara se erguem para mim. Lindos olhos de Vidente. Sei o que está sentindo. Ela está perdida, mas vou ajudá-la. Serei qualquer coisa que ela precisar.

— Vai ficar tudo bem, Clara. Você está aqui. Estamos juntas. Prometo que nunca mais vai lhe acontecer nada.

Isso parece acalmá-la, então, continuo dizendo a mesma coisa. Repetidamente. Aos poucos, sinto que parte da tensão sumiu de suas costas e ela relaxa, deixando o peso recair mais sobre mim.

Encosto o nariz em sua testa e inalo seu cheiro doce. Faz semanas que não vejo

um morango, mas, de alguma forma, minha irmã tem cheiro de morango. É seu aroma natural; até Perry e Liv sempre diziam isso.

Ela é um raio de Sol que cheira a morango. É tudo para mim.

Beijo sua cabeça e a abraço com mais força.

— Senti tanto a sua falta.

Clara não responde. Já adormeceu.

Fico abraçada a ela por mais um tempo, e me sinto grata. Muito grata por ela estar aqui. Então, como um deslizamento que começa com uma pedrinha, Perry me vem à cabeça, depois, Liv, então, Roar, e, finalmente, o jeito como nós quatro éramos juntos.

Eu me sentia muito despreocupada e alegre quando estávamos juntos. Mais leve que o ar. Agora, quando penso neles, tudo que sinto é o peso das brasas que queimam em meu estômago.

Tenho que mudar isso. Não posso fazer nada em relação a Liv e Roar, mas posso deixar Perry de lado. Não quero mais que ele ocupe espaço em meus pensamentos. Preciso estar forte para ajudar Clara.

Então, tomo uma decisão: farei o que for preciso para esquecer Peregrine.

Chega de sofrer por causa dele.

Começando agora.

CAPÍTULO 3

Quando minha mãe volta, eu ajudo a acomodar Clara na cama. Então, digo a ela que vou sair para a vigília noturna.

Ela compreende. Não faz perguntas como faria meu pai, se estivesse aqui. Meu pai insistiria para ir comigo. Ele já foi um grande guerreiro, mas agora está mais velho, e sou mais veloz e precisa sem ele. Pego meu arco e aljava, beijo Clara e minha mãe e saio correndo rumo à caverna principal, antes que meu pai apareça.

Quase todo mundo já foi dormir. Apenas algumas lamparinas ainda estão acesas ao redor da plataforma, iluminando uma dúzia de pessoas, aqui e ali. Avisto uma silhueta alta, empunhando um arco, e meu coração se acelera. Então, ele fica de pé e eu vejo que é só o Hyde.

Ele vem na minha direção, afastando a franja loura dos olhos.

— Você está comigo esta noite. Os outros já saíram faz dez minutos.

Hyde é o irmão do meio de três Videntes. Raramente o vejo sem Hayden ou Straggler.

— Straggler o deixou para trás?

Hyde sorri.

— Acontece. — Ele ajeita o arco e a aljava no ombro. — Pronta?

— Sim, Hyde. Eu estou *pronta*.

Desde que tomei minha decisão em relação ao Perry, me sinto bem mais otimista. Acabei com a tristeza e a rejeição. Esta noite, não vou apenas afugentar os intrusos do território dos Marés. Vou afugentar os pensamentos nocivos, infelizes e que não são bem-vindos. Vou retomar o território da minha mente e do meu coração.

Deixamos a caverna, trocando o cheiro de ervas e água parada pelos aromas do lado de fora: floresta queimada misturada ao frescor da maresia, e aquela pitada

peculiar de Éter, que não chega a ser um cheiro, mas uma sensação arrepiante que percorre sua pele.

Está bem mais claro do lado de fora, graças ao Éter revolvendo em redemoinhos reluzentes acima de nós. Antigamente, um tempo como este costumava nos fazer sair correndo em busca do abrigo de nossos lares. Agora, já estamos acostumados com ele. Agora vivemos numa caverna.

— Voraz — diz Hyde, de olho no céu.

— Eu protejo você.

— Eu não estaria aqui, se não acreditasse nisso.

Ele fala num tom leve, mas sei que está falando sério. Posso não ter um metro e noventa de altura, nem pesar cem quilos, mas luto tão bem quanto qualquer um dos Seis.

Atravessamos a faixa estreita de areia, até um caminho em zigue-zague que sobe até o costão.

O arco de Hyde balança levemente em suas costas largas, conforme ele caminha. É um belo arco, cor de palha, feito de uma ripa fina de teixo. Combina com Hyde. Seu porte e seus cabelos. Um arco perfeito para um arqueiro perfeito.

Hyde é *um dos melhores*, como eu. Sorrio comigo mesma.

Meu plano está dando certo. As palavras de Perry já não estão doendo tanto.

Chegamos ao cume do penhasco e rumamos para o leste, seguindo a rota que Reef descreveu para Hyde, mais cedo. Então, caminhamos durante uma hora e meia, até chegarmos ao topo de uma colina que oferece uma visão clara dos limites mais ao leste do território dos Marés.

Esta área é um dos poucos locais em nosso território que não sucumbiram aos incêndios provocados pelas tempestades de Éter, e os carvalhos que perfilam este cume são majestosos e antiquíssimos. Hyde e eu sentamos num galho caído, tão grande quanto o tronco de uma árvore.

Dá para ver quilômetros adiante — na direção da fronteira leste. Se houver intrusos entrando nas terras dos Marés, daqui nós os veremos. Agora, não há nada a fazer, exceto cumprir a tarefa mais importante de uma sentinela; esperar.

Diante de nós, o vale desce até uma clareira gramada perfilada de árvores, que seguem até o leito de um córrego seco.

Meus olhos vagueiam até a maior árvore.

A primeira vez com Perry foi ali.

Aquela noite me volta à mente com total clareza, e meu rosto se aquece quando me lembro de como ele estava lindo e de como eu me senti. Como nós dois tremíamos e tentávamos não rir de nossa avidez esbaforida e desajeitada.

Então, minhas lembranças se aprofundam e estou com Liv, um pouco antes naquela mesma noite. Ela tinha me puxado até atrás do refeitório, depois do jantar.

— Eu amo o Roar — disse ela. — Estou pronta. Roar e eu estamos prontos.

Foi naquele momento que decidi que eu e Perry também estávamos prontos.

— Brooke, *vocês* dois não precisam fazer, só porque *nós* dois vamos — argumentou Liv.

— Eu também o amo — confessei a ela.

A Liv só ficou me olhando e eu me lembro de pensar, *ela sabe. Ela sabe que o Perry não me ama*. Ela conseguia sentir isso por ser uma Olfativa. E saberia por ser irmã dele.

Foi um pensamento que atravessou minha cabeça como uma flecha. Chegou e passou. Naquele momento, eu não queria ficar perdendo tempo analisando nossa relação. Perry e eu estávamos felizes. A gente se divertia. E eu queria acreditar que a diversão levaria a coisas melhores. Sentimentos mais profundos entre nós.

Assim eu esperava.

Agora, é estranho pensar que nós quatro perdemos a virgindade na mesma noite. É o tipo de coisa que reforçaria a ideia que os Ocupantes têm de que somos selvagens, se eles soubessem. Mas eu não teria tido coragem, se tivesse sido de outra forma. Eu sabia que Perry jamais me magoaria. Mesmo não me amando do jeito que eu o amava, ele gostava de mim.

E eu queria que todos nós ficássemos juntos, que nossos caminhos seguissem na mesma direção. Meu mundo era perfeito, quando estava com Roar, Liv e Perry. Tudo que eu queria era que continuássemos como éramos.

— Lamento pelo que aconteceu.

A voz de Hyde me arranca das minhas lembranças, ainda bem. Estou me saindo muito mal em minha decisão de esquecer Perry.

— Com Liv — completa ele. Ele se vira um pouco para mim. Suas pernas parecem bem mais compridas que as minhas. Como se não terminassem nunca. — Lamento por sua perda.

Acho que eu estava errada quanto a ninguém ligar para como me sinto em

relação à Liv.

— Obrigada... Mas tenho a sensação de que a perdi há muito tempo.

— Quando ela foi para Rim?

— É. — De certa forma, eu já estava sofrendo por Liv desde que ela partira para se casar com Sable, o Soberano de Sangue do Norte a quem ela havia sido prometida em casamento. No dia em que ela partiu da aldeia dos Marés, eu sabia que provavelmente jamais voltaria a vê-la. A diferença é que agora eu tenho certeza.

Sinto um nó na garganta. Eu não deveria dizer mais nada. Mas o jeito como Hyde me observa, como se realmente quisesse saber, quisesse me ouvir, faz com que eu me sinta segura.

— Nós fazíamos tudo juntos. Eu e Perry, e Roar e Liv. Sabe a caverna? A gente costumava sair escondido da aldeia e ir para lá, nós quatro. Só para ficar longe da tribo e poder ficar sozinhos.

— Foi o que me contaram — diz Hyde.

Fiquei olhando para ele, com as perguntas passando pela cabeça. O que exatamente ele tinha ouvido? De quem?

— Reef mencionou algo a respeito uma vez — se apressou em dizer.

É uma desculpa esfarrapada. Reef é a última pessoa do mundo que conversaria sobre algo tão trivial. Hyde apenas não quer que eu pense que estão fofocando a meu respeito, mas realmente não me importo. As pessoas fofocam. Também sou culpada disso. Mas, ao contrário de Hyde, nunca deixo passar uma boa chance de provocar alguém quando vejo uma.

— Reef contou histórias sobre as minhas aventuras com Liv, Perry e Roar, na caverna?

— Talvez tenha sido Gren ou Hayden.

— Ou Twig, ou Straggler?

— É... isso mesmo. — Hyde sorri acanhado, sabendo que eu o peguei na mentira. — Um deles.

Noto que tem um rosto mais suave do que Perry. Seu nariz e o maxilar são mais delicados do que bem talhados. A bondade se expressa facilmente em seus olhos.

— Foi há muito tempo — digo, baixinho. Na verdade, tem apenas seis meses, mas não quero que pareça que estou presa ao passado. — A gente achava que aquele era o melhor lugar do mundo. Bem, Roar, Liv e eu achávamos isso. Perry

nunca gostou muito. Mas a Liv e eu... nós achávamos que era um mundo novo que havíamos descoberto. Víamos a caverna como se fosse um lugar mágico. — Fico rindo um pouco, imaginando o buraco escuro que acabáramos de deixar. — Não dá pra acreditar que pensávamos assim.

Hyde coça a barba por fazer em seu queixo.

— Eu acredito.

— Você acredita?

Ele encolhe os ombros.

— Claro.

— Acredita nada.

Hyde ri.

— Acredito, sim. A mágica não é isso? Algo que você enxerga quando não deveria enxergar?

— Se essa é sua definição de mágica, então, ela está em toda parte.

Aceno para o céu, que tampouco deveria estar da forma como está.

— Até lá em cima.

Hyde olha para o alto. Sua fisionomia fica pensativa ao olhar o Éter.

— Você está brincando, não é? — digo, observando-o. — Você não pode achar que existe mágica no Éter, acha? — Tudo que vejo é destruição.

— E se não for *o que* você vê, mas *como* você vê? E se a mágica estiver na sua perspectiva? — Ele gesticula para o platô que se estende diante de nós. — E se a verdadeira magia for ter a visão correta? Enxergar a vida da maneira certa?

Sinto-me como se ele tivesse acabado de se tornar uma pessoa diferente diante dos meus olhos. Alguém poético. Alguém intrigante. Tudo que consigo fazer é olhar para ele.

Depois de um momento, ele desvia o olhar.

— Por que você fez isso? — pergunto.

— Fiz o quê?

— Virou o rosto para o outro lado.

— Eu estava me arrependendo do que disse.

— Por quê? — Era lindo o que ele tinha acabado de dizer. Não posso acreditar que se arrependa. — O que você tem a perder, se disser o que quer dizer?

Hyde subitamente fica fascinado, puxando um fiapo de couro de seu estojo de flechas.

— Hyde? — insisto.

— Eu não sei como agir perto de você às vezes — responde ele, enroscando o filete de couro no dedo.

— Às vezes?

— Sozinhos — diz ele. — Quando estamos sozinhos.

— Eu intimido você?

Ele ergue a cabeça.

— Completamente. — Seus olhos se fixam em meu rosto. — Não quero estragar a chance de saber quem você é, Brooke. É por isso. Não quero estragar tudo dizendo algo errado.

Sinto um frio na barriga.

Até aquele segundo, tudo parecia normal. Éramos apenas sentinelas conversando para passar o tempo. Mas agora ele não é mais *simplesmente o Hyde*. Ele é o Hyde que quer saber quem eu sou, algo que parece muito mais profundo do que apenas me *conhecer*. Hyde, que me pergunta como estou, agora que a Liv se foi, e fala sobre magia como se ela estivesse nos olhos das pessoas, não no mundo.

Agora, eu procuro essa magia. Procuro em seus olhos azuis.

Não a vejo, mas vejo algo igualmente surpreendente.

Há *esperança* nos olhos de Hyde e ela é real e honesta e completamente diferente da fome carnal que estou acostumada a ver nos olhos dos homens.

Passo a língua nos lábios, escolhendo cuidadosamente as próximas palavras.

— Você já sabe quem sou eu, Hyde.

Estou jogando a isca, descaradamente.

Não. Não estou pescando. Ele já está fisgado e estou simplesmente puxando a linha.

— Verdade. — Hyde pisca, com um sorriso hesitante. — Eu quis dizer conhecer você *melhor*.

Era exatamente a resposta que eu esperava. Exatamente o que eu queria ouvir.

— Você não perdeu sua chance. — Eu me inclino mais para perto dele. — Como pode perder uma chance, se nem aproveitou a oportunidade?

Ele fica totalmente imóvel por um longo momento. Então, inclina a cabeça ligeiramente para o lado, aproximando o rosto do meu. Seus olhos azuis descem à minha boca. Estamos tão perto que vejo todos os pelos em seu queixo. Essa é

minha chance de recuar, mas não recuo.

Um feitiço delicioso recai sobre mim. Eu quero isso. Quero esquecer Perry. Isso é o que significa seguir em frente.

Sinto a mão de Hyde segurar minha nuca, mas não preciso de mais estímulo para me aproximar mais.

Nossos lábios se encontram e ficam imóveis, ambos estamos meio rijos de constrangimento. Então, os lábios de Hyde se abrem e ele desliza a língua macia e aveludada na minha.

O desejo percorre meus membros como mel quente enquanto exploramos a boca um do outro, chegando ainda mais perto.

Primeiro, ele é paciente e delicado, mas, depois, fica brincalhão. Ele mordisca meu lábio inferior e dá para sentir que está sorrindo. Ele é um beijador feliz. *Uma garota pode se apaixonar por isso*, penso.

O calor percorre minhas veias e eu o enlaço pelo pescoço, querendo mais.

Seus ombros parecem diferentes, não tão musculosos, mas ignoro isso.

Sua mão em minhas costas faz uma pressão leve demais. Mas também ignoro.

Foco no movimento de sua boca sobre a minha, que é cheio de afeto e carinho. Ele beija como um poeta. Como se estivesse escrevendo poemas em meus lábios.

Mas falta algo. Uma confiança. Uma ferocidade com a qual estou acostumada.

Ignore, Brooke.

Ignore. Ignore. Ignore.

Tarde demais. Percebo que estou muito voltada para minha cabeça, pois ouço o farfalhar das folhas com a brisa. Hyde sente minha hesitação e sua mão para em meu rosto. Sinto um tremor leve de seus dedos sobre minha pele. Não quero saber de tremor. Já passei da fase de tremores.

Perry sabia que eu gostava que ele assumisse o controle. Sabia o que eu queria. A esta altura, ele já teria...

Sugo o ar, sentindo uma flecha atravessar meu coração.

Eu me afasto de repente. Os olhos de Hyde se abrem num estalo. Nós dois ficamos imóveis por um instante interminável. Então, me apresso em levantar.

Minhas pernas tremem, enquanto a vergonha e o desejo travam uma guerra em meu corpo. Como pude pensar em Perry naquele momento? O que há de errado comigo?

Hyde passa a mão no rosto.

— Desculpe, Brooke. Passei do limite?

Estou muito confusa. Não sei o que acabou de acontecer. Não é verdade. Eu sei, sim. Beijar Hyde não foi passar do limite. Tampouco foi ruim. Simplesmente foi não beijar *Perry*.

— Não. Foi ótimo. — Minha voz sai esganiçada, como se eu fosse chorar.

Hyde se levanta. Por um momento, acho que ele vai embora, mas não. Ele se aproxima.

— A última coisa que quero é magoar você. Eu gosto muito de você. Sei sobre você e Perry e talvez tenha sido cedo demais. Talvez não seja o momento certo, com tudo que está acontecendo. Mas não ligo. Vou esperar por você.

— Também gosto de você, Hyde. — É verdade. Ele é atencioso e romântico, e eu devo gostar dele pelo que ele é, em vez de simplesmente vê-lo como *alguém que não é como Perry*. — Só que... — eu mordo meu lábio, sem querer explicar que ele é incrível e eu é que estou toda errada. — Você não deveria esperar por mim.

Não sei como seguir em frente para esquecer Perry, mas sei que ter Hyde esperando por mim não vai ajudar.

O olhar de Hyde subitamente desvia para além de mim. Solta um palavrão, com uma postura tensa. Num instante, volta a ser um guerreiro. Uma sentinela que avistou perigo.

Nossa espera acabou.

CAPÍTULO 4

Em meio a um facho de bétulas, a quase dois quilômetros de distância, eu vejo o que o deixou alarmado.

Três pessoas. Longe demais para que eu consiga ver seus rostos. Perto o suficiente para ver que são todos homens. Nós os observamos por alguns instantes, analisando a rapidez experiente de seus movimentos. Como avançam de forma cautelosa e furtiva, seguindo em paralelo à trilha já bem gasta, em lugar de percorrê-la. Não tenho a menor dúvida — eles querem se manter ocultos. Os homens a distância não são viajantes cansados em busca de abrigo. Eles são *hostis*.

Hyde chega à mesma conclusão.

— Eles estão mal-intencionados.

— Vamos botá-los pra correr.

Hyde coloca o arco e a aljava no ombro. Seus olhos faíscam de intensidade, e seus músculos estão rijos e contraídos, como se ele estivesse pronto para correr em disparada. Não há mais o menor traço de bondade nem brincadeira nele.

Ele faz um aceno com a cabeça para mim e nós descemos a colina correndo, em direção aos invasores.

Ainda faltando cem metros, Hyde e eu desaceleramos e seguimos espreitando, em silêncio. Poderíamos gritar para que partissem. Poderíamos acertá-los com nossos arcos. Hyde é um arqueiro brilhante, tão preciso quanto eu. Mas agora eu tenho uma visão clara dos três homens. Eles pararam de andar e eu consigo ver seus rostos.

E eu os conheço.

Eu congelo por alguns segundos. Hyde reage imediatamente, parando junto comigo.

— É o Roar? — murmura ele, sentindo o choque que me arrebatou.

Balanço a cabeça. O regresso de Roar seria formidável. Isso não é.

A raiva acende dentro de mim e eu corro na direção deles. Minhas passadas são velozes e longas, movidas por uma torrente de ira.

Hyde está ao meu lado, quando atravessamos a margem das árvores e saímos no descampado. Os três homens estão num morrote acima de nós, e Hyde e eu não temos nenhuma cobertura. Estou na pior posição possível, mas não me importo.

— Wylan! — Eu desacelero e levo a mão às costas, tirando uma flecha da minha aljava, posicionando-a no arco. — Não se mexam!

A cabeça dele se vira na minha direção. Seus olhos cintilam de espanto; então, sua expressão se transforma em algo venenoso e odiento quando ele me reconhece.

Eu me aproximo, seguindo o resto do caminho lentamente, para manter minha mira firme, a flecha pronta para sair voando, se necessário. Hyde mantém o mesmo passo ao meu lado, arco e flecha igualmente a postos. Enquanto mantenho os olhos em Wylan, Hyde desvia seu arco entre os outros dois traidores, Gray e Norris.

Hyde estava lá na noite em que Gray envenenou Ária. Ele também estava lá na manhã em que Wylan pegou um terço da tribo e partiu, renunciando sua lealdade ao Perry — aos Marés. Ele sabe, tanto quanto eu, que esses três foram banidos definitivamente.

Paro quando chegamos a quarenta passos de distância. Wylan está com as mãos erguidas em rendição, olhando atentamente para mim e também para Hyde.

A força da minha visão me permite vê-lo com a clareza que a maioria das pessoas vê a cinco passos. Semanas nas terras fronteiriças não lhe fizeram bem. Sua testa está mais franzida e caída. O queixo pontudo está ainda mais projetado. Sua pele encardida está flácida como uma planta que murchou sob o sol do meio-dia. Roupas que não passam de farrapos pendem de sua silhueta ossuda e curva. Ele sempre teve uma cara feia, como se tivesse engolido um punhado de cinzas. Desde a época em que nos deixou, só parece ter se tornado ainda mais amargo.

— O que você está fazendo aqui? — pergunto. Há uma ausência de alma em seus olhos negros que chega a me dar arrepios.

— Vim falar com Peregrine.

— Perry o mataria.

— Então, estou com sorte de ter encontrado você primeiro.

— Eu mesma posso matá-lo.

As narinas de Wylan fumegam e seu queixo se ergue ligeiramente com a raiva contida. Ele nunca gostou de mim.

— Não quero fazer mal a ninguém, Brooke. Vim para pedir perdão. — Ele dá uma olhada para os dois homens ao seu lado. — Nós viemos.

— Vocês estão em busca de *perdão*? — Isso parece impossível. Essa é uma palavra que eu jamais esperei ouvir dele. Mas ele assente.

— Sim. Eu quero voltar pra casa.

Há algo na forma como ele se alonga na palavra *casa*. Será que ele sabe que abandonamos a aldeia?

— Por favor, Brooke, nós estamos cansados. Queremos voltar pra nossa tribo. Leve-nos pra casa com você.

— Sem chance — ruge Hyde. Ele está imóvel, ao meu lado, com as pernas firmemente posicionadas de forma perfeita. O retrato de um arqueiro em sua posição mais letal.

— Então, diga isso ao Peregrine — diz Wylan. — Eu lhe imploro, Brooke. Leve esse recado pra mim. Diga que quero falar com ele. Ele vai me perdoar. Ao menos me dê uma chance.

— Eu já ouvi o suficiente — diz Hyde.

Eu também.

Baixo a mira e disparo a flecha. Ela crava fundo na terra entre os pés de Wylan.

Ele solta um grito e pula para trás, mas a flecha de Hyde voa um instante depois, também aterrissando a alguns centímetros do pé de Wylan.

— Seus idiotas! — grita Wylan, recuando freneticamente. — Vocês são malucos!

— Vá embora daqui — digo a ele. — Se voltar a estas terras, será sua morte.

Depois de botá-los para correr, Hyde e eu mantemos nosso posto enquanto esperamos ser rendidos pela dupla da manhã. Falamos sobre Wylan. Estou surpresa com o regresso do pescador — Wylan sempre foi tão orgulhoso, tão teimoso — mas Hyde não está.

— Você não conhece as terras fronteiriças — afirma ele. Ele está certo. Não conheço, nem quero conhecer. — O orgulho é a primeira coisa que você perde por lá — continua ele. — E a mais indolor. O truque é manter a honra. Não há leis. Nenhuma regra, além das que você escolhe seguir. — Ele dá um ligeiro sorriso. —

Se as infringir, você se torna inimigo de si mesmo e isso irá destruir você mais depressa que qualquer outra coisa.

Fico olhando para ele impressionada, pois tudo que ele me diz me intriga. Perguntas surgem em minha cabeça, mas nem sei por onde começar. Só quero que ele continue falando.

Hyde ergue as sobrancelhas, interrogativo.

— Nós formamos uma bela dupla — falo, só para dizer algo, e, imediatamente, tenho vontade de morrer. Eu me referi à forma como lidamos com Wylan. Como senti que estávamos em perfeita sintonia durante o confronto. Não quero que ele pense que eu quis dizer algo além disso.

Não quero magoar o Hyde. A esperança que vi antes, em seus olhos, é algo precioso; receio que eu vá destruir essa parte dele. E, se o fizer, eu posso perder isso que nós temos — minha ligação com esse guerreiro voraz e perfeito ao meu lado. Esse poeta, cujas palavras cintilam como estrelas diante dos meus olhos.

Os lábios de Hyde se abrem num sorriso. Afetuoso, compreensivo e meigo.

— Incrível — diz ele. — Foi um encontro para ser lembrado.

Eu ainda não sabia se estávamos falando de nosso beijo, ou de nosso confronto com Wylan, mas isso não importava. Não tenho mais medo. Sei que, independentemente do que aconteça entre nós, eu e Hyde ficaremos bem.

— Foi mesmo — concordo. — Sem dúvida.

Quando chegam os patrulheiros da manhã, nós contamos o ocorrido, depois voltamos à caverna, onde nos encontramos na Sala de Batalha, uma gruta pequena que Perry utiliza para discutir assuntos importantes.

Ali tem uma mesa. Uma longa mesa de madeira trazida da aldeia, bancos e cadeiras. Sento numa delas. Nunca imaginei que sentar numa cadeira daria a sensação de tamanho luxo.

Hyde senta à minha esquerda. Do outro lado da mesa estão Reef, Marron e Perry. Eles permanecem em silêncio e sérios, enquanto Hyde e eu nos alternamos descrevendo o que aconteceu.

— Muita ousadia deles voltar para cá — murmura Reef, rabugento. — Eles sabem que não são bem-vindos aqui.

Ousadia é pouco. Eu ainda não consegui engolir o atrevimento de Wylan.

Olho para Perry, antevendo sua reação. Detesto Wylan por ter traído a minha

tribo, mas para Perry é pessoal. Wylan o insultou diante dos Marés. E também tem o Gray, que tentou envenenar Ária. Mas Perry parece calmo. Pensativo. Nem de longe furioso como eu esperava.

— Ele não veio se redimir — afirma ele.

— Ele disse que queria seu perdão — digo.

Perry balança a cabeça.

— Isso é desculpa. Uma história que arranjou para justificar o fato de estar aqui. Wylan sabe que eu jamais lhe perdoaria. Ele não teria arriscado voltar, se não precisasse de alguma coisa.

Eu pressiono os lábios. Não pensei na possibilidade de Wylan ter invadido nossas terras com outro motivo em mente.

— Talvez estivesse tentando chegar à aldeia — diz Reef. — Ainda há suprimentos lá e o local está desprotegido. Deixamos um bocado de coisas para trás que podem ser valiosas. Elas podem dar muito poder de barganha a um homem nas terras fronteiriças.

É verdade. Não podíamos trazer todos os nossos pertences para a caverna. Ferramentas. Móveis. Roupas. Tivemos que deixar a maior parte de nossas coisas para trás.

Marron balança a cabeça.

— Teoria plausível, mas improvável. Eram apenas três homens a pé. Carregar mercadoria seria insensato e difícil. Não sei se o esforço valeria a pena. — Ele olha para Perry. — Não acha que ele esteja motivado pela vingança?

Outra longa pausa, enquanto Perry repensa. Imagino que ele tenha um monte de lembranças com Wylan. Ele é um Vidente como eu, portanto, suas recordações seriam fortemente visuais. Mas ele também é um Olfativo. Perry teria lembranças sensoriais — todos os temperamentos que teria sentido em Wylan. Isso tudo formaria um padrão, um meio confiável para prever o comportamento de alguém. E, fazendo um caminho inverso, chegar à raiz do comportamento: a motivação.

Finalmente, ele responde:

— Wylan se ama mais do que me odeia.

Marron assente, como se essa afirmação fizesse todo o sentido do mundo.

— Então, é autopreservação. Ele está movido por necessidades viscerais, vitais.

— Abrigo — diz Reef.

— A caverna e os suprimentos de comida que temos aqui — diz Marron,

assentindo. — Isso é o que ele está querendo.

Lembro-me da forma como a voz de Wylan se arrastou com a palavra *casa*. Ele a fez soar melosa e agora reconheço o tom como falsidade. O lar implica um apego emocional, mas não é o que ele queria. Wylan quer um teto sobre sua cabeça.

— Mas eram apenas três — questiona Hyde.

— Você me disse que, quando dispersaram, eles levaram um terço da tribo — lembra Marron, virando-se para Perry.

— Um quarto. Quase cem pessoas.

Não consigo deixar de pensar na Cerimônia de Marcação de Ária, quando Gray sorrateiramente colocou cicuta na tinta da tatuagem. Ela quase morreu. Perry bateu em Gray quase até matá-lo, quando descobriu o que Gray havia feito. Na frente de todo mundo.

Aquela tentativa de envenenar Ária dividiu minha tribo. Algumas pessoas ficaram do lado de Perry e seu direito de defender Ária. Outras, lideradas por Wylan, viram isso como traição. Viam Ária como Tatu, uma intrusa que não deveria estar ali.

Eu era uma delas. Não a queria ali. Tampouco queria vê-la morta. Naquele dia, eu fiquei com os Marés, porém, dezenas de pessoas partiram. A fé que tinham em Perry, como Soberano de Sangue, se destroçou. Eles quebraram o juramento e seguiram Wylan, deixando a aldeia dos Marés. Naquela manhã, perdi amigos com quem nunca deixara de passar um dia sequer. Foi como perder Liv, porém, pior. Liv não *escolheu* partir.

— Você acha que os outros ainda estão com eles? — pergunto. — Escondidos, em algum lugar do território fronteiriço?

Marron gira um anel no dedo, ao responder.

— Wylan era o líder deles quando partiram. Talvez ainda seja. Sua entrada no território pode ter sido para testar nossas defesas. A ponta da lança, tateando um ponto fraco.

— Você acha que ele vai voltar com um bando maior — diz Perry.

É mais uma afirmação do que uma pergunta — ele já sabe isso —, mas Marron responde, mesmo assim:

— Sim. Nós temos que estar preparados para isso.

CAPÍTULO 5

Quando finalmente chego à minha tenda, fico arrasada ao encontrá-la vazia.

Clara não está aqui.

Quero procurá-la, mas estou exausta. Normalmente, Hyde e eu nos revezamos, ficando duas horas em vigília e duas horas dormindo, mas, depois do que aconteceu com Wylan, achamos melhor ficarmos acordados, em alerta em caso de perigo. Também estávamos com a adrenalina a mil, mas isso passou e meus olhos não querem ficar abertos.

Desabo em meu colchão e mal consigo tirar as botas antes de mergulhar em sono profundo.

Em algum momento, sinto as cobertas se mexendo e volto de um sonho colorido para ver Clara. Ela entrou por baixo do meu cobertor e se aninhou ao meu lado. Estamos no meio do dia e ela não deveria estar ali, mas eu adoro que esteja. Adoro que minha irmã tenha vindo me procurar. Puxo-a para mais perto e pego no sono, inalando seu aroma de morangos.

Quando finalmente desperto, Clara ainda está dormindo. Em meu sonho, eu a vi na chuva, tremendo e chorando. Ela soluçava, dizendo “não me deixe” repetidamente.

Então, eu toco minha camisa, sentindo a umidade em meu peito, e sei que não foi um sonho. Ao menos em parte.

Não sei o que fazer. Não sei como ajudá-la. Ela não é como Talon, que parece ter regressado como se nada tivesse acontecido. Talon perdeu os pais e a tia e, no entanto, sempre que o vejo está rindo e correndo para algum lugar, com Willow e Flea, sem nenhum sinal de trauma.

Minha irmã, não.

“Não me deixe”, ela gritava, em meus braços.

Clara não está perdida, como eu imaginava. Ela tem medo que a gente lhe dê

as costas novamente. Que a gente tente vendê-la outra vez. Teme ser traída. Receia que, ao se permitir ser amada de novo, pode voltar a ser abandonada.

E eu entendo isso. Não vou fingir que passei pela mesma coisa com Perry, mas também não é tão diferente.

Também tenho medo.

O medo foi o que me fez recuar quando estava com Hyde.

Uma tristeza inesperada me varre quando me lembro do que ele disse. Que queria saber quem eu era. Ele estava abrindo seu coração, mas eu não consegui fazer o mesmo, porque o meu está fechado. O meu está machucado e gritando e lutando para continuar batendo. O meu está escondido num canto, com pavor de ser descartado outra vez.

E não quero que ele seja.

Desejo muito que não seja.

Um bolo surge em minha garganta, com a necessidade de conversar com alguém. Preciso contar o quanto me sinto solitária. Como Perry e Liv e Roar deixaram um buraco em minha vida que não sei como preencher. Preciso de alguém que me diga que vai ficar tudo bem.

Molly.

Molly é forte, como minha mãe não é. Não preciso me preocupar que os meus problemas se tornem um peso a mais para ela. Ninguém é tão sábia e compreensiva.

Calço minhas botas, ajeito o cobertor em volta de Clara e corro até a caverna dos Ocupantes, pois é lá que certamente encontrarei Molly.

Logo vejo que a situação por ali piorou. Os Ocupantes não estão mais tremendo e oscilando entre acordados e inconscientes. Estão todos em silêncio e imóveis, mal respiram, e não tem nada de divertido nisso.

É assustador.

Eles estão prestes a morrer e isso é tão aterrorizante que quase esqueço de por que vim até aqui, até Molly chamar meu nome. Vejo-a na penumbra, agachada ao lado de um dos Ocupantes. Mas qualquer intenção que eu tinha de ter uma longa conversa com ela desaparece, quando ela grita:

— Rápido, Brooke! Agora!

Apresso-me e vejo que está segurando Ária.

Ária está em convulsão. Ele está debatendo as pernas sob o cobertor, seus olhos

estão arregalados, mas só vejo a parte branca do globo ocular. Os olhos estão revirados para dentro da cabeça.

— Vá buscar o Perry — ordena Molly. — Traga o Perry e o Marron, agora!

Por um segundo, eu não consigo me mexer. Só consigo olhar. A atadura foi tirada do braço de Ária. O ferimento a bala em seu bíceps quase me faz vomitar. Está inchado e em carne viva. O cheiro que emana dele é pútrido. A infecção piorou. Até eu posso ver que se espalhou pela corrente sanguínea.

— Brooke, vá buscar Peregrine! — repete Molly ainda mais enfática.

Eu me viro para partir, mas é como se, de alguma forma, Perry tivesse pressentido, pois ele está bem ali, correndo em nossa direção. Gren surge atrás dele e isso explica por que Perry já está aqui.

Gren é um Audi. Eles provavelmente estavam na Sala de Batalha e Gren ouviu Molly. Ouviu sua voz em pânico, gritando o nome de Perry.

Dou um passo atrás, antes que seja atropelada por eles. Há um tumulto ensandecido, enquanto Molly grita as ordens. Então, Ária está nos braços de Perry e é como na noite em que foi envenenada. A noite da Cerimônia de sua Marcação.

Ele a carrega para fora, mas, desta vez, todos nós vamos atrás deles.

Ele a leva para a Sala de Batalha e pouso sobre a mesa. Marron entra, pedindo toalhas limpas, água fervente e suprimentos cirúrgicos da aeronave dos Ocupantes. Eu nunca ouvira um tom tão autoritário vindo dele.

Estou ali. Sei que estou ali porque vejo e ouço tudo. Mas estou anestesiada quando chegam os suprimentos. Anestesiada, quando Ária é injetada com agulhas que finalmente relaxam seus músculos trêmulos. Anestesiada, quando o braço dela é cortado e aberto por Molly, com o auxílio de Marron.

O cheiro e o sangue me deixam tonta, então, olho para o rosto de Perry, debruçado sobre Ária. Ele fala com ela, embora ela esteja inconsciente. Ele implora para que ela aguente firme e lhe diz, em mais de uma dúzia de formas, o quanto a ama.

As coisas que ele diz... são lindas.

Não quero mais ver nem ouvir nada.

Deixo a Sala de Batalha, com seu pequeno exército de gente lutando para manter Ária viva, e sigo meu caminho pelos corredores escuros da caverna.

Vagueio sem direção por um tempo, sem sentir raiva, nem mágoa, sem sentir praticamente nada.

Tudo que tenho em mente é esperança. Quero que Ária fique boa. Não quero que Perry também fique destruído. Por mais que tenha doído ser abandonada por ele, ele é meu Soberano de Sangue. E é meu *amigo*.

Ele era meu principal rival durante as competições de arco e flecha, quando éramos pequenos. Era o irmão caçula da minha melhor amiga. Companheiro constante de Roar na hora de nos atormentar. Uma peste por muitos anos, é verdade. Esquisito e desajeitado e quieto demais, até o dia em que começou a ficar lindo e gracioso e silenciosamente confiante.

Percebo que ele não é só um amigo. Ele é minha família. Isso significa que nós temos um laço inseparável. Quero que ele fique bem e feliz. Mesmo que não seja comigo.

Seu rosto surge em minha cabeça, enquanto ele sussurrava para Ária, com tanta paixão e desespero. O laço entre eles é visceral, como Marron disse na reunião dessa manhã. *Vital*.

É o que eu quero.

Perry nunca sentiu isso por mim. Ele gostava de mim. Eu sei disso. Gosta. Mas nunca sentiu isso por mim, algo do tipo: se um dos dois morrer, o outro também morre.

Então, sinto a ficha cair e não sei como nunca percebera isso.

Eu também nunca senti isso por ele.

CAPÍTULO 6

É uma revelação.

É uma revelação e eu preciso de tempo para pensar melhor sobre ela.

É uma joia preciosa; preciso examiná-la sob a luz. Virar de um lado para outro, para enxergar seu brilho de todos os ângulos.

Atravesso a caverna principal pasma, quase sem notar os olhares que me acompanham, quando passo pela plataforma, e caminho até lá fora, para a areia da enseada. Não paro até que as ondas começam a bater em minhas canelas. Então, olho para o mar e deixo vir. Tudo.

A verdade.

Não houve começo para Roar e Liv. Nenhum ponto de partida. No dia em que Roar entrou mancando na aldeia, com sua avó, ele já estava apaixonado por Liv. Ela também estava apaixonada por ele. Todos viram isso. Todos nós sabíamos que a semente estava ali; só precisava brotar. Quando aconteceu, Liv tinha algo incrível em sua vida.

Algo que eu também queria.

Mas era mais que apenas isso. Havia outros motivos para que eu quisesse Perry. Minha atração por ele crescia a cada dia e ele sempre foi honesto, leal e bom. Eu o queria pelo que ele era e pelo que ele ajudara a criar. Um quarteto perfeito de amigos, formado por dois casais. Composto por duas duplas de melhores amigos. De qualquer ângulo que você olhasse, a combinação era perfeita.

Porém, mais que qualquer coisa, eu queria que fôssemos iguais ao Roar e a Liv. Descaradamente apaixonados. Mas não éramos.

Ao contrário de Liv e Roar, Perry e eu tivemos um começo. Foi numa noite de primavera, na clareira. A tribo estava reunida depois do jantar, desfrutando de uma noite fresca ao ar livre, após um longo inverno. Roar estava cantando, enquanto Pierce tocava violão. Sentei ao lado de Perry, no chão, tão perto que

minha perna bateu na dele. Ele foi chegando para o lado, mas segurei seu braço para mantê-lo onde estava. Então, eu o beijei, bem ali, na frente de todo mundo.

Em casa, depois, minha mãe quase arrancou parte do meu braço com um beliscão por causa disso. Mas eu conhecia Perry bem demais. Eu o *conheço*, já que ele não mudou. Ele não faz nada, a não ser que acredite naquilo de corpo e alma. Eu sabia que teria de dar um *grande* empurrão nele para que nos tornássemos algo mais. E deu certo.

Depois daquele beijo, todos achavam que estávamos juntos. Deixei que achessem. Vi o divertimento de Perry, com a ideia de um possível relacionamento entre nós, lentamente se transformar em aceitação. Quando o beijei novamente, ele beijou também e pronto.

De certa forma, Perry foi o último a saber sobre nós.

Mas, embora eu tenha iniciado as coisas entre a gente, não continuou assim. Ele gostava de estar comigo. Rindo comigo. Também se sentia atraído por mim. Eu sei que, pelo menos durante um tempo, ele se deixou arrebatar por mim, assim como eu por ele. Mas isso começou a mudar, assim que Liv e Roar partiram para Rim. Com o quarteto dividido ao meio, Perry começou a se afastar de mim.

No início, os sinais eram sutis. Ele recuava rápido demais de um beijo, ou caía em silêncio, quando eu falava sobre nosso futuro. Depois, os sinais se tornaram mais relevantes. Desentendimentos. Discussões que nunca pareciam se resolver. Eu vi a direção que ele estava tomando. Só não queria acreditar.

Mas acredito agora. Perry e eu tivemos um começo. Estávamos fadados a um fim. E eu entendo que, às vezes, nós fomos ótimos juntos, mas o que tínhamos era imperfeito, talvez meio forçado. Pode até ter sido algo que eu *realmente* queria, mas não existia, de fato.

Talvez a mágica não estivesse em *nós*. Estava em meus olhos.

CAPÍTULO 7

— Por que você pode ir lá pra fora, e eu não? — pergunta Clara, naquela mesma noite.

— Eu tenho que ir — respondo.

Clara pisca, me encarando com seus imensos olhos azuis.

— Mas não vou lá fora há meses e meses e meses.

— Você não está perdendo nada.

— Estou, sim! Quero correr na areia! Aqui dentro é muito escuro.

— Lá fora é perigoso, Clara.

Wylan e seu bando não são as únicas coisas das quais quero protegê-la esta noite. Lá fora, o Éter está feroz, soltando espirais de raios apenas a alguns quilômetros da caverna. Quando o vento sopra de uma certa direção, ele traz o cheiro de fumaça dos incêndios florestais. É por preocupação que Perry e Reef estão nos mandando até lá esta noite. Eles não colocariam a patrulha em risco, se não tivessem receio legítimo quanto ao regresso de Wylan.

Clara cruza os braços e faz uma carinha emburrada, como se tivesse cinco anos, em lugar de oito. Ela acha que vai me amolecer, ao vê-la agir assim. Como a irmãzinha meiga e inocente que perdi. Mas minha reação é oposta. Em algum momento do ano passado, ela aprendeu a manipular as pessoas e isso me dá vontade de socar alguma coisa.

— Então, por que *você* vai? — questiona ela.

Não vou contar sobre Wylan, então, dou um beijo em sua cabeça.

— Eu a verei pela manhã.

— Brooke, por favor, me leva com você — diz ela, com os olhos se enchendo de lágrimas.

Isso não é fingimento. São lágrimas de verdade e sinto um aperto no peito.

— Clara, eu *preciso* fazer isso. Você sabe que eu não a deixaria, se não fosse

preciso.

Ao redor da plataforma, as pessoas nos observam. A tribo passou o dia todo inquieta, preocupada com a possível morte dos Ocupantes. A única coisa pior do que ter que cuidar de Ocupantes doentes é ter Ocupantes mortos sob nossa responsabilidade. O estado de Ária também os deixou abalados. Ela conseguiu resistir à cirurgia, mas foi por pouco. Quase perdeu o braço. E a julgar pelos olhares inquietos em minha direção, a tribo também já ouviu falar sobre Wylan e seu bando.

Não foi um dia fácil para ninguém.

Dá para notar que a tribo me quer lá fora, onde meu arco e meus olhos podem protegê-los. É onde tenho que estar também pelo bem de Clara. Portanto, eu digo isso a ela.

— Vou lá pra fora por *você*, Clara. Para manter *você* em segurança. Agora, eu tenho que ir. — Eu lhe dou um abraço. Então, para evitar pensar que a estou deixando, começo a contar meus passos até lá fora.

Um, dois, três... cinco... onze... vinte.

Hayden passa a me acompanhar quando chego ao quarenta e dois. Até o noventa e sete, já saímos completamente da caverna. Paro no filete estreito de areia e finalmente me permito olhar para trás.

Péssima ideia. O ímpeto de voltar para minha irmã é imenso. Forte, como se eu estivesse sendo puxada em sua direção. Ela precisa de mim lá dentro e precisa de mim aqui fora, e como saber qual é a coisa certa a fazer? A melhor?

— Pronta? — pergunta Hayden. Ele está me observando atentamente.

— Estou com você esta noite? — Minha voz sai aguda, como uma chicotada.

Fico imaginando se Hyde pode ter pedido para não fazer dupla comigo. Fico me perguntando por que estou me sentindo dispensada e deprimida, quando fui eu que recusei o que ele ofereceu. Carinho, poesia e beijos sorridentes.

Parabéns, Brooke. Afinal de contas, essas coisas são mesmo horríveis.

Será que dá para esse dia piorar?

Uma risada irrompe de Hayden.

— Fico contente que você tenha ficado tão radiante com isso. — Ele me dá as costas, antes que eu possa responder, e sai numa corrida, seguindo pela trilha rumo ao costão.

— Empolgadíssima — murmuro, correndo para alcançá-lo.

Minha caminhada com Hyde, ontem à noite, nesta mesma trilha, pareceu contemplativa, mas Hayden não perde tempo. Assim como Hyde, ele é musculoso e longilíneo, mas é mais enérgico. Mais ruidoso e mais agressivo. O ritmo que ele impõe me força a me concentrar em minhas passadas e minha respiração para poder acompanhá-lo.

Em minutos, o suor já está escorrendo pelas costas, mas eu gosto. Desde que nos mudamos para a caverna, não corremos assim. Todos estão sempre se arrastando, infelizes.

Não dá para se sentir infeliz quando se está correndo. É uma forma muito simples e pura de se sentir vivo. Depois que deixamos muitos quilômetros para trás, meu humor começa a melhorar.

Gren e Reef não estão muito distantes, ao norte, e Hyde e Straggler estão logo ao sul de nós. Reforçamos os números de nossa patrulha em todos os postos, porém, mais substancialmente, aqui, na fronteira leste — menor distância até a caverna. Se Wylan vier, este é o caminho mais direto, o que nos daria menos tempo para reagir. Aqui é onde somos mais vulneráveis, por isso, Perry designou os Seis para a vigilância desta noite — os Seis e eu.

Estou com esses guerreiros porque sou uma das melhores, mas agora essa distinção só me traz orgulho. É uma honra ser considerada tão boa quanto eles.

Depois de uma hora correndo, paramos para recuperar o fôlego e beber água. Meus olhos desviam para a cadeia de montanhas ao norte e o pavor me invade. O Éter parecia voraz ontem à noite, mas hoje o perigo é real. O céu naquele local reluz com os espirais. Ao longo do espinhaço abaixo, uma linha alaranjada surgiu.

Fogo.

A terra está ardendo. A terra dos Marés. A minha terra.

Eu estava tão focada na trilha à minha frente que não tinha visto.

— Você acha que Reef e Gren estão naquele caos? — pergunto. Então dou umas goladas na água, tentando abrandar minha sede.

Os olhos de Vidente de Hayden observam as colinas distantes, depois se voltam para mim. Ele sacode a cabeça.

— Eles rumaram para o sul para evitar o fogo.

Concentro minha atenção nas árvores ao redor. O farfalhar das folhas e o balanço dos galhos.

— O vento está soprando em nossa direção, Hayden. Você sabe o que isso

significa, certo?

Ele dá outra golada em seu odre de água e assente.

— Por que acha que eu estava com tanta pressa?

— Você sabia que o fogo viria na nossa direção?

— Tinha um pressentimento.

— Por que não disse nada?

— Porque não tinha certeza. — Ele sorri. — Mas agora eu tenho.

Balanço a cabeça para ele, incrédula.

— Que ótimo. — O leito do córrego seco que percorremos ao sairmos da caverna está tomado de fumaça. Nosso caminho está sumindo atrás de nós. — Não podemos voltar.

— Não. Mas é melhor continuarmos em frente.

Não temos outra escolha. Os incêndios ao norte, de onde vem a fumaça que está vindo em nossa direção, não dão o menor sinal de que vão diminuir.

Corremos novamente. O vento continua a ganhar vulto, soprando uma fumaça quente e espessa que nos revolve ao passar por nós. Fuligem preta e brasas reluzentes passam flutuando, algumas grandes como folhas.

Meus pulmões estão doendo quando Hayden finalmente para. Tenho que pressionar os polegares em meus olhos, por alguns segundos, para aliviar a ardência.

Ainda tentando recuperar o fôlego, eu dou uma olhada ao redor, tentando me localizar. Quero ver o declive arborizado onde Hyde e eu ficamos de guarda, ontem à noite, mas descubro que não dá para enxergar mais que trezentos metros de distância. Conheço este território tão bem quanto o rosto de Clara, porém, com a fumaça cobrindo tudo, nada é reconhecível.

Contenho um palavrão. A visão é meu dom. Quando não consigo enxergar, não sou ninguém.

— Bem, estou aterrorizado — diz Hayden. — E quanto a você?

Olho para ele.

— Onde estamos?

— Perdidos, certamente. — Ele ajoelha, tirando a aljava do ombro. Gotas de suor pingam da testa. Ele a enxuga pensativo, e tira uma bússola de um pequeno bolso.

Sinto um alívio enorme.

— Eu poderia abraçá-lo neste momento. — Aquele pequeno instrumento pode ter acabado de salvar nossa vida. É fácil perder o rumo, quando não se consegue ver o caminho. Desorientados como estamos, poderíamos andar em círculos e acabar rumando bem na direção do fogo.

— É uma ótima ideia, porém desnecessária. — Hayden olha a bússola. — Não saímos muito do nosso trajeto. Ainda estamos rumo ao leste. — Ele aponta direto em frente e levanta. — Vamos continuar. Temos que nos afastar dessa fumaça.

Quando recomeçamos a correr, ele não afirma o óbvio. Não estamos mais protegendo a tribo. Não estamos mais buscando sinais de Wylan e seu grupo. Nossa missão mudou. Estamos correndo para salvar nossas próprias vidas.

A noite se torna vislumbres de floresta de aparência desconhecida. A terra sob meus pés e de Hayden, que corre ao meu lado, parece diferente. Tenho a sensação de que estamos sendo arrastados para o fundo do mar. Para longe da segurança e de todos que conhecemos.

Não sei por quanto tempo estamos correndo, quando minha energia começa a se esvaír. Sem conseguir mais acompanhar o ritmo de Hayden, vou desacelerando. Ele logo se dá conta disso. Ele enlaça o braço ao meu e me puxa com ele, me dando o impulso que preciso para escalar um morro.

No topo, desabamos, esparramados no chão.

Fico deitada ali, por um tempo, de bruços, tentando recuperar o fôlego. Então, viro de barriga para cima e observo o Éter.

Meus músculos dão espasmos e estou tão tonta que parece que o mundo está girando. Um sopro de vento me refresca. Aqui, o ar está limpo. Nem sinal de fumaça. Fecho os olhos ardidos e trago o ar para meus pulmões. Minha roupa encharcada de suor está pesada sobre a pele.

Sinto Hayden ficar de pé.

— Você está bem?

— Estou ótima. Simplesmente perfeita.

Ele não se afasta. Quando espio, por entre os cílios, vejo-o olhando para mim, com os lábios carnudos ligeiramente abertos.

— Ainda quer saber onde estamos? — pergunta ele.

Fico de pé e minhas pernas estão ligeiramente trêmulas.

Eu sei onde estamos. O território dos Marés tem formato de uma ampulheta, mais estreito no meio, largo nas extremidades. Três horas correndo na direção

leste levariam direto até essa parte estreita e nos colocariam bem junto à divisa do território, ou pouco além.

Embora eu esteja certa onde viemos parar, preciso ouvir Hayden confirmar. Não sei se realmente vou acreditar, ou não.

— Quero. — Minha voz é pouco além de um suspiro quando abro a boca.

CAPÍTULO 8

— Nas terras fronteiriças — diz Hayden.

Onde reina o caos. A voz de meu pai preenche minha mente. É o que ele sempre diz, quando as terras fronteiriças são mencionadas. Como se as palavras todas juntas formassem uma só. Um nome comprido para um lugar sem dono.

Terras fronteiriças, onde reina o caos.

E também onde estou, neste momento.

A consciência disso se espalha em mim, gelando meus músculos superaquecidos.

Quando eu era uma garotinha, meus pesadelos eram sobre este lugar. Eu sonhava que monstros, lobos e demônios moravam aqui. Criaturas sedentas de sangue que dilaceravam qualquer um que por ali passasse, sem qualquer motivo. Agora sou mais velha e sei que não é bem isso.

Monstros e demônios não cometem atrocidades aqui. As pessoas, sim.

— Você tem a sensação de estar de volta ao lar? — ouço minha voz dizer. — Não sei o que quero da resposta de Hayden. Talvez alguma segurança de que ele está tão à vontade aqui quanto em qualquer lugar.

Hayden ergue uma sobrancelha.

— Se o lar é onde a pessoa encontra santuário e paz, então, este lugar nunca foi um lar pra mim.

Seu tom é surpreendentemente sombrio. Como foi pra ele cuidar de dois irmãos caçulas, aqui? Será que ele se preocupava com Hyde e Straggler constantemente, como eu me preocupo com Clara?

Ele subitamente sorri para mim. É um sorriso de disfarce, como o sorriso ensolarado de Clara. Como se acreditasse ter dito algo que não deveria.

— Beba — diz, me entregando o odre de água.

— Obrigada. — Aceito a oferta. Terminei o meu uma hora atrás. O odre está

morno e úmido com o calor da mão dele.

— Não se preocupe por estar aqui. Não é tão ruim quanto você pensa.

Dou uma longa golada e entrego o odre de volta para ele.

— Posso engolir qualquer coisa agora, menos mentira.

— Justo. É tão ruim quanto você está pensando, sim. Mas nós estaremos seguros nesta colina, até que o vento leve a fumaça pra longe.

Avalio nossa posição e vejo que ele está certo. Nossa colina é pequena, mas nós temos alguns carvalhos aqui que nos darão cobertura, e uma visão ampla, sem obstáculos, de todos os lados. Ninguém nos abordará de surpresa sem levar uma flechada no meio dos olhos.

Meu olhar mira o oeste. Clara está lá, dentro da caverna, junto à costa. Eu gostaria de poder vê-la. Tudo que vejo são os chumaços de fumaça entremeados aos pontos flamejantes, onde as labaredas são mais altas. O Éter vem chegando em ondas pelo céu, parecendo tão vivo, tão vibrante, comparado à terra e sua pele ardente.

Não sei se é a visão desta guerra entre a terra e o céu, ou minha roupa encharcada que esfriou, mas começo a tremer.

— Quer que eu acenda uma fogueira?

Isso me faz rir.

— Você faria isso por mim? Seria ótimo. — Não posso pensar em nada que gostaria *menos* que uma fogueira. A fumaça impregnou meu cabelo. É o gosto que tenho na boca. É tudo que sinto em meus pulmões contraídos. É como se eu tivesse me *banhado* em fumaça.

Hayden observa atentamente a distância.

— O vento está diminuindo. Os focos de incêndio vão se apagar em breve. Até amanhã de manhã, no máximo, poderemos voltar.

Isso parece excessivamente otimista, mas não digo nada.

Hayden encontra uma pedra lisa para se sentar.

— Venha. Tem espaço pra você.

— Estou bem — digo, pensativa.

Depois de andar de um lado para o outro, por cinco minutos, percebo que ele escolheu o único ponto desta colina íngreme que é meio confortável, mas já me decidi.

Eu me esparramo na terra, a alguns passos dele. Uma pedra pontiaguda espeta

minhas costas. Estou com frio, cansada e molhada — e com cheiro de chaminé —, mas essa pedra é o que me arranca um rosário de palavras.

— Está tudo bem? — pergunta Hayden.

Dá para notar que ele está tentando não rir.

— Maravilhoso. Que tal o seu trono?

— Não poderia estar melhor. — Uma pausa. — Você estaria mais confortável aqui, Brooke. E mais aquecida.

— *Mais aquecida?* Você quer que eu vá me *aquecer* com você? Acha que sou tão ingênua assim?

— Eu estava tentando ser prático, mas fique à vontade. Porém, tenho de admitir, fico lisonjeado por você não confiar em si mesma perto de mim.

Dou uma fungada e pego uma pedrinha para jogar nele. Meu braço para no meio do movimento.

Por conta da curva natural da rocha que ele escolheu, Hayden está recostado, meio inclinado. É uma pose casual e relaxada. *Confortável*. E eu subitamente não sei por que estou aqui na terra, quando poderia estar ali também.

Dou um pulo e fico de pé, e vou marchando até ele.

— Vou te dar um soco, se tocar em mim — digo, sentando ao seu lado.

— Não tem com o que se preocupar. Não sou de roubar mulher dos outros.

Meu coração para por dois segundos inteiros. Hayden está observando minha reação e dá para ver que ele estava esperando para dizer isso, há horas. Talvez, desde que deixamos a caverna.

— O que você acabou de dizer?

— Eu nunca me colocaria entre vocês. Principalmente porque ele é meu irmão.

— Hyde *contou* para você?

Hayden balança a cabeça negativamente, abrindo um sorriso enorme.

— Hyde jamais me contaria nada. Tive um pressentimento, baseado no sorriso que não saiu do rosto dele, desde que vocês dois voltaram esta manhã.

— Você e seus pressentimentos ridículos! Foi só um beijo! — Fico irritada por ter que ficar me explicando. Dou um soco no ombro dele. — Eu posso beijar quem quiser!

Hayden ergue as mãos em defesa, enquanto ri.

— Claro que pode, mas a questão não é essa. Eu só quis dizer que não estou interessado — ele gesticula para o espaço entre nós —, então, você vai ficar bem

sentando aqui.

Numa demonstração elaborada de indiferença, ele cruza os braços atrás da cabeça e se recosta, como se estivesse aproveitando o sol. O sorriso presunçoso em seus lábios faz meu sangue ferver, mas estou determinada a entrar no jogo da maneira certa.

Também me recosto, fingindo estar o mais confortável possível, com minha roupa pegajosa e enfumaçada. Enquanto os minutos se passam, noto que Hayden está decepcionado por eu não ter reagido ao seu comentário.

— Eu falei para não mentir para mim — digo, depois de se passarem cinco minutos.

Ele só fica me olhando.

— Quando foi que eu menti para você?

— Agora há pouco. Você disse que não estava interessado, mas isso não é verdade. Eu tenho visto você me observar.

— Não posso olhar para você?

— Claro que pode. É só o jeito como me olha que é revelador.

— Que jeito é esse?

— Você faz um negócio com a boca.

— Eu faço um *negócio* com a boca?

— Sim, faz um bico.

Hayden joga a cabeça para trás, dando uma gargalhada.

— Eu faço *bico* pra você?

— Isso mesmo. Faz, sim.

Na verdade, não é um bico, mas é a única palavra que encontro. De vez em quando, os lábios dele relaxam de um jeito muito atraente e provocador que chega a parecer com um bico, mas não é um bico.

— Bem — diz ele —, não deixe meu bico assustá-la. Juro que você está segura ao meu lado. Além disso, você e eu jamais daríamos certo.

— Você só disse isso para que eu pergunte o motivo.

— Você que disse isso para evitar perguntar o motivo.

— Tudo bem. Por quê, Hayden? Por que você tem tanta certeza de que nós jamais daríamos certo?

— Fora o motivo que eu mencionei antes?

— Sim. Fora aquilo.

— Não tem centelha entre a gente.

Eu o encaro. Será que esse garoto nunca diz algo diretamente? Será que ele nunca diz o que realmente quer dizer?

Voltando a atenção para as colinas, penso na situação. Claro que ele fez isso de propósito. Para me fazer pensar se existe alguma “centelha” entre nós. O problema é que, mesmo percebendo seu truque, estou me perguntando se há.

Meu coração está disparado e subitamente estou notando como ele está perto de mim.

Eu sempre o achei atraente. Bonito de um jeito maduro, másculo. Não sou a única que acha isso. Já ouvi mulheres na tribo falarem sobre seu sorriso, em mais de uma ocasião.

Meu plano de *esquecer Perry* não deu certo com Hyde. Como poderia, se vi *esperança* nos olhos dele? Esperança que eu mesma não sentia? Não vou usar uma pessoa só para me sentir melhor. Gosto demais de Hyde. Mas Hayden?

Olho para ele, com um pequeno arrepio de empolgação, quando vejo que está me observando. Não vejo esperança em seus olhos. Só vejo humor. E fogo. E esses lábios que parecem tão macios... Eu *realmente* gostaria de beijá-lo.

— Só tem um jeito de descobrir — digo, antes de me conter. — Além disso, você se ofereceu para me aquecer.

Os olhos de Hayden se estreitam ligeiramente.

— Brooke... você tem certeza?

— Tenho.

Ele ergue a mão e passa os dedos em meu rosto. Dou uma leve estremeção, mas ele, não. Seus dedos são firmes em minha pele. Firmes ao traçarem meu pescoço e chegarem ao osso da minha clavícula. Seus olhos são sensuais e cheios de más intenções, ao seguirem a trilha que seu toque percorreu. Seus lábios relaxam e aqui está ele. Aquele bico provocante.

Eu esperava um beijo. Não é o que está acontecendo e é excitante.

Ele olha em meus olhos, com um olhar tão selvagem e faminto que preciso fazer toda força do mundo para não estremecer. Então, ele se inclina na minha direção e seus lábios encontram os meus, com uma pressão macia, mas determinada. Retribuo o beijo e Hayden mergulha a língua em minha boca e um único pensamento me vem à cabeça: *Hayden sabe o que está fazendo*.

Ele logo impõe o tom, beijando com confiança, e é uma sensação

incrivelmente boa, dolorosamente familiar. Embrenho as mãos em seus cabelos e beijo profundamente, e o ouço gemer.

— Brooke — sussurra ele—, devagar. — Mas tudo que ele está fazendo contradiz isso. A mão dele aperta minha coxa com tanta força que sinto a pressão de cada dedo.

Chego mais perto dele. Ele se mexe ao mesmo tempo e, com toda a movimentação, acabamos deitados de lado, um de frente para o outro. Juntos, parecemos despencar por um penhasco de desejo, mas parece seguro. Seguro o bastante para não nos preocuparmos. Isso só tem a ver com lábios, mãos e pele. Estou sendo engolida por um redemoinho de desejo.

A mão de Hayden sobe pelas minhas costelas e acaricia meu peito, acendendo uma onda de desejo em mim. Depois de alguns momentos, ele me surpreende recuando.

— Brooke, *sem dúvida* tem centelha aqui. Nós podemos pegar fogo, se não...

— Shhh... Isso é mais divertido se você ficar quietinho.

Ele dá uma risada curta, falhada.

— Divertido?

— Sim. Divertido.

Eu o puxo novamente. Ele rola por cima de mim e depois eu rolo por cima dele, e é como uma pequena batalha, entre um beijo e outro, com nossas pernas se embolando.

Enfio a mão por baixo de sua camisa, acariciando os músculos definidos de sua barriga. Ele faz um som chiado e recua de repente.

— Ui — diz ele. — Isso foi bom.

Não sei o que acabou de acontecer. Não sei por que ele se afastou.

— Foi melhor que bom, Hayden.

Ele murmura um palavrão e se inclina à frente, sentando e abraçando os joelhos.

— Brooke, só... me dê um minuto.

Só há um motivo para que ele tenha parado. Não posso deixar que isso atrapalhe a gente.

— Hayden, o que aconteceu com Hyde foi... — não sei como concluir meu raciocínio.

O que aconteceu entre mim e Hyde foi algo bonito, frágil. Mas tenho a

sensação de que falar sobre isso com Hayden seria desrespeitoso.

— Não é isso. — Ele passa as mãos na cabeça e solta o ar. — Embora devesse ser.

— Então, o que foi? É o Perry? Porque eu não estou mais com ele.

Hayden ergue a cabeça.

— Não, Brooke. É *você*.

Isso me surpreende. Meu rosto esquenta.

— O que tem eu? — pergunto, me preparando para me defender.

— Você está fugindo, Brooke. É como estivéssemos de volta na floresta. Você está se jogando nisso e eu não acho... — Ele suspira. — Simplesmente tenho a impressão de que você não quer realmente fazer isso.

— Você vai, mesmo, *me* dizer o que eu quero ou não quero fazer?

— Só estou lhe dizendo o que acho. Mas gostaria de saber: o que você quer?

O que eu quero? Tenho que pensar por um momento.

Quero me sentir querida, estimada e segura.

Quero encontrar alguém que não vai me trocar por outra.

Quero encontrar um amor que seja visceral e vital.

Todas essas respostas parecem ligeiramente impróprias.

— Eu quero que você me beije de novo. Você é bom nisso. — É tudo que eu digo.

Hayden me lança um olhar que nunca tinha visto. Como se estivesse sofrendo e com vontade de rir, ao mesmo tempo.

— Se eu fizer isso, você vai me odiar amanhã.

— É justamente o contrário. Eu vou odiar você se não fizer.

— Mas eu vou me odiar, e é comigo que vou ter que conviver para o resto da vida.

Não sei por que isso me faz rir, mas faz.

Hayden sorri. E me desarma, com seus lábios cheios abrindo num sorriso largo.

— Não quero começar isso do jeito errado, Brooke.

Não tenho certeza de como seria o jeito certo. Ele é mais velho e certamente já esteve com outras mulheres. Existem caminhos para o amor, para os relacionamentos, que são melhores que outros? Não faço ideia. Só conheço o que percorri.

— Começar o quê? Você disse que não estava interessado.

Hayden ri.

— Estou interessado, Brooke. A questão é: você está?

— Estou interessada em não sofrer mais. — E lá vai ela. Minha boca desgovernada. — Deixa pra lá — digo, esfregando meus braços. O ar gélido da noite voltou a me invadir, me deixando com frio de novo.

Hayden cai em silêncio por um tempo que mais parece uma semana.

— Esse é um bom interesse — diz ele. — O mais importante. — Uma expressão de preocupação surge em seu rosto e me deixa em pânico. Eu me expus demais, mostrei minha dor.

— Dá pra parar de me olhar desse jeito?

— Estou fazendo bico de novo?

— Não. Você está me olhando como se eu fosse fraca. — A última coisa que eu quero é que Hayden ou qualquer um dos Seis me veja desta forma.

— Você, fraca? — Ele sorri, balançando a cabeça. — Nunca. Agora, vem cá, antes que você congele. — Ele ergue o braço, me convidando para chegar mais perto.

— Você só pode estar brincando!

As palavras mal saíram da minha boca, quando ele desce o braço e me puxa para perto. Então, ele estica as pernas e se ajeita um pouquinho, procurando uma posição confortável. Tudo entre nós mudou. Ele parece totalmente diferente do que parecia, cinco minutos atrás. Meio fraternal.

— Que tal? — diz ele, puxando conversa — Eu beijo bem? Fui melhor que o Hyde?

Nem tão fraternal assim.

— Ora, ora, mas que surpresa. Você transformou isso numa competição. — Como eu não previ isso?

— Você está novamente evitando a pergunta.

— Você foi diferente.

— Que é uma forma cautelosa de dizer melhor.

— Na verdade, *diferente* é um jeito de dizer dissimilar. Desigual. Não há julgamento de valor. É uma palavra neutra.

— O Hyde foi tão ruim assim, ou eu que estou num nível completamente diferente?

Dou uma cotovelada em suas costelas. Ele ri e aperta meu ombro.

— Eu não vou me esquecer do que acabou de acontecer, Brooke.

Provavelmente, nunca. Quando você estiver pronta, eu estarei lá. E se você nunca estiver pronta, tudo bem também. Simplesmente vou sofrer em silêncio, até ficar velho e grisalho.

Não há como minimizar o lampejo de desejo nos olhos dele.

Não tenho o ímpeto de dissipar seus pensamentos, como fiz com Hyde. O que sinto é o impulso de beijá-lo outra vez.

Tão diferentes, eu penso. Um irmão me seduz com poesia e delicadeza. O outro, com fogo e desejo.

Eu me acomodo ao lado dele. O que via em Perry? Busco minhas lembranças, tentando decidir se pendia mais para um lado ou para outro. Mais fascinante pela mente, como me sinto por Hyde, ou pelo corpo, como aconteceu com Hayden. Depois de alguns instantes, percebo que Perry era ambos. Às vezes, delicado e atencioso. Outras, irresistivelmente sexy. Mas essa percepção não me machuca como eu esperava. Não sinto mais aquele nó no estômago, nem a dor no coração.

E também não quero ficar pensando no que Perry foi para mim.

Com o corpo de Hayden ao meu lado, me sinto mais aquecida. Meus músculos estão cansados e me permito relaxar junto a ele. Soltar meu peso e simplesmente estar ali.

Hayden estava certo. Neste momento, esse tipo de calor entre nós é melhor para mim.

A voz de Hayden me puxa dos meus pensamentos.

— O que você está pensando?

Olho para ele e digo a primeira coisa que me vem à cabeça.

— Você tem lábios perfeitos.

Espero que ele ria ou dê alguma resposta. Mas ele simplesmente beija minha testa e me aninha em seus braços. Ficamos sentados, olhando as colinas em chamas, simplesmente nos abraçando. Nada além disso.

E isso já me faz feliz.

CAPÍTULO 9

Já é tarde da noite, quando escuto um grito. Ele irrompe a quietude noturna, instantaneamente disparando meu coração.

Hayden tinha adormecido ao meu lado, mas desperta com um pequeno susto. Seguro seu antebraço para evitar que faça qualquer movimento brusco que possa denunciar nossa localização.

— O que foi isso? — sussurra ele. Seus olhos percorrem o vale abaixo e ele pisca algumas vezes para afastar o sono.

— Uma voz de homem. Perto. — Não ouço mais. Agora, só ouço o ranger dos galhos que balançam com a brisa.

Nós levantamos devagar, nos forçando a firmar nossas pernas cansadas e rijas. Pode haver Audis por perto, por isso, somos cautelosos, fazendo movimentos silenciosos, enquanto pegamos arcos.

O céu se acalmou bastante, desde o show de espirais e a fumaça de horas atrás. As correntes de Éter agora fluem mais brandas, quase num véu. Faz dias que não as vejo tão calmas. Passamos de uma tempestade para um fluxo delicado. Para nós, é mais seguro, porém, sem a concentração espessa de Éter acima, nós perdemos boa parte da claridade. A noite ficou turva. Agora tem um tom de azul obscuro, como se tivéssemos nadado para o fundo do mar.

Meu campo de visão diminuiu para duzentos metros. Ainda que eu estivesse usando cabrestos, não poderia ser pior.

— Temos de sair desta colina — digo. — Só saberemos o que está acontecendo, se chegarmos mais perto. — Minha ideia beira a idiotice. Estamos numa posição segura e deixá-la, sem saber o que nos aguarda lá embaixo, seria insano. Mas eu nunca fui de ficar esperando as coisas acontecerem. E estou confiante de que Hayden saberá nos guiar corretamente.

— Boa ideia — diz ele. — Vamos.

Ao que parece, nenhum de nós tem muito juízo. Meus dedos apertam meu arco.

Conforme descemos o monte, meu coração bate com tanta força em meu peito que fico imaginando se Hayden também consegue ouvi-lo.

Caminhamos uns cem metros antes de vê-los. Um grupo de pessoas surge em meio à escuridão.

Eu conto quarenta.

Estão numa faixa arborizada, entre duas colinas. Procuro Wylan, mas só vejo estranhos. Reconheço a margem seca do riacho, no entanto. As árvores são mais frondosas ali, porque a água ainda corre pelo chão. Em algum lugar, alguns quilômetros a oeste, fica o ponto onde Hyde e eu montamos guarda, ontem à noite. Mas esta noite, eu estou mais afastada, na periferia do território dos Marés.

Então, eu o escuto.

— Ouçam todos! — grita Wylan. Ele pula em cima de uma rocha, surgindo acima da multidão. — Nós vamos seguir na direção norte e avançar ao longo daquela cordilheira. Provavelmente, seremos interceptados por uma dupla de sentinelas. — Ele aponta a escuridão. — Dois arqueiros, em algum lugar nos próximos duzentos metros. Bons guerreiros. Mas estamos em maior número, e ninguém aqui achou que fôssemos conseguir tomar a terra e a comida que precisamos, terra e comida que são *nossas* por direito, sem ter de demonstrar um pouco de coragem, achou?

Ouçõ alguns resmungos em concordância.

Hayden fixa os olhos nos meus e sei que ele está pensando a mesma coisa.

Reef e Gren estão guardando a área que essa gente planeja invadir. Eles estão em perigo.

— Depois de passarmos por eles — prossegue Wylan—, não teremos problema até chegarmos à caverna.

A caverna.

Clara.

Eu arranco uma flecha da aljava, posiciono-a no arco e disparo.

É uma decisão precipitada. Agressiva e possivelmente suicida. Mas se eu não fizer algo, Gren e Reef podem morrer. Alguém da minha tribo pode se ferir; podem machucar minha *irmã*.

Minha flecha acerta um homem na coxa.

Eu continuo e disparo outra. Hayden junta-se a mim e em instantes gritos de pavor irrompem do grupo de Wylan. Eles estão visivelmente chocados e confusos. Estamos atirando neles por trás — das terras fronteiriças, de onde vieram — e certamente a direção para onde planejavam recuar, caso precisassem.

Mas logo seus arcos também entram em ação e flechas passam voando por mim. Já não posso mais atirar contra eles sem arriscar minha vida, então, eu me ajoelho atrás de uma rocha e rezo para que minha intuição esteja correta.

Gren é um Audi. Ele certamente ouviu a comoção que o grupo de Wylan acabou de fazer.

Por favor, diga que ele ouviu.

É a única chance que Hayden e eu temos de sair daqui vivos.

Olho para minha direita. Hayden usa uma árvore como cobertura. Ele dá uma piscada, quando me vê. Ele tem algo de negligente. Está gostando disso. Assim como eu.

O grupo de Wylan está lentamente vindo em nossa direção. Não sou nenhum Audi, mas posso ouvi-los se aproximando, os passos avançando pela vegetação e esmagando os gravetos.

É quando me dou conta que meu plano fracassou. Nem sinal de Gren ou qualquer outro. Olho novamente para Hayden. Teremos que sair correndo e isso também não vai dar certo. Muito provavelmente, vou tomar umas flechadas nas costas.

Fico de pé e vejo Hayden fazendo o mesmo. Não dá para perder tempo pensando. Temos que simplesmente agir.

Hayden ergue o queixo, me dizendo para correr primeiro, enquanto dispara uma saraivada de flechas, me dando cobertura.

Então, eu ouço algo novo. Gritos que vêm de algum lugar atrás de mim. Olhando por cima da rocha, eu vejo o grupo Wylan se espalhando. Flechas estão chovendo em cima deles, vindo do oeste.

Gren! Ele ouviu. Ele e Reef se posicionaram em locais opostos aos nossos, atrás do grupo de Wylan.

Melhor ainda, um monte de flechas também voa do sul. Hyde e Straggler também entraram na briga. Gren e Reef devem ter mandando algum sinal para eles — ou eles mesmos viram o tumulto.

Hayden solta um grito de batalha cheio de fúria e entra em ação. Eu pego meu

arco e começo a disparar flechas novamente contra eles, com o coração cheio de confiança, certa da vitória.

Nós cercamos o grupo de Wylan. Graças aos incêndios, Hayden e eu ficamos numa posição vantajosa. Enquanto Hyde, Straggler, Reef e Gren empurram os intrusos para fora do território dos Marés, Hayden e eu criamos uma barreira impedindo que eles regressassem às terras fronteiriças. Nós os encurralamos.

Miro no alvo, soltando uma flecha. Ela crava na coxa de Wylan. Ele cai de joelhos, segurando a perna. Ele ergue os olhos para mim.

— Matem essa desgraçada! — esbraveja ele.

Suas palavras morrem na garganta, quando minha flecha o acerta na barriga. Ele se curva e cai. Sigo ao meu próximo alvo, sabendo que Wylan foi eliminado.

Poderíamos transformar isso numa carnificina, se quiséssemos, mas não fazemos.

O assovio de Reef nos ordena a cessar o ataque. Abaixo meu arco e vejo que agimos com moderação e piedade. Ferimos um bocado deles, mas as baixas foram mínimas.

— Andem logo! Saiam dessa terra! — grito.

Então, vejo os sobreviventes saindo mancando.

Wylan não é um deles. Ele está deitado imóvel no chão. Eu o coloquei ali e não sinto qualquer remorso pelo que fiz.

Ele nunca mais será uma ameaça aos Marés.

CAPÍTULO 10

Na Sala de Batalha, Reef e Hayden se revezam explicando o que aconteceu.

Quando eles terminam, os olhos verdes de Perry se estreitam me olhando.

— Por que você os atacou?

Eu poderia dar várias respostas. Intuição. Medo. Porque eu sabia que nós poderíamos forçar nossa vantagem. Mas, em vez disso, eu digo:

— Eu queria acabar logo com aquilo. E sabia que teríamos que correr alguns riscos para mantê-lo fora de uma vez por todas.

— Obrigado, Brooke. Você fez muito bem. — Por mais um instante, ele mantém o olhar fixo no meu, mostrando gratidão e respeito. Algo se passa entre nós, algo que parece sólido e promissor.

Eu estava errada. Perry e eu não temos um final. Apenas temos mais começos.

Quando a conversa passa ao racionamento de comida e outras questões que não me envolvem, peço licença para sair.

Meu ímpeto é encontrar Clara, mas, de alguma forma, meus pés me levam até a caverna dos Ocupantes.

Molly se aproxima, quando me vê.

— Boa garota — diz ela, amorosa, segurando meu rosto com as duas mãos. — Eu soube de tudo por Willow.

Fui direto para a Sala de Batalha quando cheguei. Como Willow ficou sabendo de tudo, antes que qualquer pessoa, é um mistério para mim.

— Obrigada — digo à Molly. — Isso significa que hoje estou dispensada de dar água para os Ocupantes?

Ela cerra os lábios, apertados.

— Bem, imagino que sim, já que...

— Estou brincando, Molly. — Sentindo-me forte e orgulhosa de mim mesma, eu pego um dos jarros perto do barril de água e encho-o, decidindo ajudar por um

tempinho.

Hoje, os Ocupantes estão um pouco melhor. Vejo lampejos de que a vida está voltando ao corpo deles. O movimento respiratório regular, enquanto dormem. O movimento dos globos oculares, por trás das pálpebras, mostrando que estão sonhando, não flutuando na escuridão.

Soren está acordado. Ele fica me observando, por alguns minutos, antes que eu me ajoelhe ao seu lado.

— Eu estava esperando você — diz ele, com a voz rouca.

— Por que não me chamou? — digo, dando-lhe um pouco de água.

— Não sei seu nome.

Ele quer que eu lhe diga qual é, mas, por algum motivo, gosto de continuar negando essa informação a ele.

— É uma pena — digo, levando o cântaro de barro até seus lábios rachados. Ele dá cinco goles longos. Sua sede crescente é um bom sinal de que está se recuperando.

— A água? — diz ele, apontando com a cabeça para o jarro. — Você não precisa disso.

— *Eu* não preciso?

— Como desculpa. Você só está usando isso como desculpa para vir conversar comigo.

Fico tentada a despejar o restante na cabeça dele.

— É mesmo? — pergunto, me forçando a parecer encantada. — Posso vir até aqui falar com você *a hora que eu quiser*? — Eu me levanto. — E quando eu quiser ir embora? Preciso de uma desculpa? Ou permissão? — Começo a andar de costas. — Ah, olhe só para mim. — Eu olho para meus pés. — Está dando certo!

Ele sorri.

— Seu nome! — Ele tenta elevar a voz, mas só sai um rangido rouco.

— Tchau, Soren!

Deixo a caverna, porque quero que ele fique imaginando aonde eu fui. E também porque me lembrei do motivo que me trouxe ali.

Eu tinha me esquecido que Ária fora transferida, depois de sua cirurgia. Ela estava se recuperando na barraca de Perry. É para lá que eu vou.

Encontro-a dormindo numa cama larga o suficiente para dois. Não preciso adivinhar com quem ela a divide. Isso me dá uma pontada de ressentimento, mas

só de leve.

Hoje, a guerreira em mim está forte demais para que eu sinta fraqueza. E embora eu não tenha esquecido Perry ainda, estou trabalhando nisso. Estou tentando. Estou criando novos começos.

Ajoelho ao lado dela e espero alguns segundos para que meu pulso se acalme. Então, me inclino para me aproximar dela e digo o que precisa ser dito.

— Eu disse a você antes que você o tirou de mim... Você não fez isso. Ele foi meu por um tempo, mas agora isso é passado, e está tudo bem. Teria acontecido com ou sem você. Mas agora ele é seu. Ele lhe pertence e acho que sempre será seu. E espero que saiba a sorte que você tem. De qualquer forma, só queria lhe dizer que não te odeio. Você nunca fez nada para merecer isso. Bem... isso é tudo que eu tinha para dizer.

CAPÍTULO II

Naquela noite, Clara dorme novamente ao meu lado.

Ela não chora e minha mãe também não. Acordo me sentindo descansada e animada. É uma sensação que eu reconheço. Era assim que me sentia antes. Talvez todos nós apenas estejamos nos adaptando ao fato de estarmos juntos novamente.

— Me leva lá fora, Brooke — implora Clara, depois do café da manhã: mingau de aveia e um punhado de tâmaras.

Não vejo por que não. Wylan já não é mais uma ameaça e eu não a levarei para longe. Só até a enseada.

— Levo — respondo. — Vamos lá.

Talon e Willow pulam atrás de nós, quando passamos pela plataforma. Flea, o vira-lata de Willow, também se anima todo. Quando ficam sabendo para onde eu e Clara estamos indo, também pedem para ir junto.

— Tudo bem — digo. — Podem vir também. — Nada vai estragar meu humor. — Mais alguém?

— Straggler! — grita Willow, estridentemente. — Você tem que vir!

— Estou ocupado, Willow — grita ele de volta.

Ele está deitado na plataforma, de barriga para cima. Parece que interrompemos seu cochilo.

— Você não está ocupado! — berra Talon. Ele e Willow correm até Straggler e o pegam pelos braços. Enquanto observo, eles o levantam da plataforma e saem arrastando-o pelo caminho.

Não conheço nenhum adulto tão persuasivo quanto as crianças.

Começa uma corrida, antes mesmo de sairmos da caverna. Willow sai em disparada para a praia, Flea latindo ao lado dela. Clara também sai correndo, levantando areia para trás. Ela é veloz, mas Talon é pura determinação. Quem será que vai ganhar?

Sento no chão para assistir, com os gritinhos e uivos de alegria ecoando em meus ouvidos. Willow pula primeiro e se joga na areia, depois Clara faz o mesmo. Talon se joga, eu acho, porque todo mundo o fez.

A manhã está assustadora. Uma tempestade está se formando e ganhando força acima de nós, mas nem ligo. O som do riso de minha irmã é mais alto que a arrebenção das ondas. Como esse dia poderia ficar mais perfeito?

— Não está com vontade de correr? — pergunta Straggler, ao sentar-se ao meu lado, na areia.

— Mais tarde, talvez. — Olho para ele. — E você?

— Não. — Straggler dá de ombros. — Quer dizer, eu até correria, mas torci o tornozelo hoje de manhã, e está doendo um pouco.

— O que houve?

— Ah... — Ele sorri. — É meu aniversário.

Como se isso explicasse tudo.

— Você ganhou um *tornozelo torcido* de aniversário?

— Sim, é uma tradição de família. O aniversariante é imobilizado pelos outros, logo de manhã, e toma um pequeno sacode. É algo que eu e meus irmãos fazemos para lembrar.

— Lembrar o quê? — pergunto.

— Nosso pai. Quando éramos pequenos, ele costumava nos acordar fazendo cócegas. Todos nós acabávamos entrando na brincadeira, até minha mãe. A gente já sabia que seria acordado assim, quando era nosso aniversário. Só que agora não fazemos mais cócegas, entende, porque não somos mais crianças.

— Então, batem uns nos outros.

— É... mas não com força. Você acha estranho, não acha?

Balanço a cabeça em negativa. A tradição deles não me incomoda. Na verdade, acho até fofo. Mas fico com pena de Straggler. Hyde e Hayden têm mais de um metro e noventa — mais de um palmo que Straggler, que ainda não cresceu totalmente — e eles são *fortes*. Parece que têm uma vantagem injusta, mas Strag deve estar acostumado. Como irmão caçula e menor, é o alvo principal das piadas e está sempre um passo atrás dos outros dois, o que lhe rendeu o apelido de Straggler, que quer dizer retardatário. Uma pena, já que o nome dele, Haven, é tão bonito.

— Com que idade você está? — pergunto.

— Dezesseis. — Ele sorri orgulhoso, como se agora tivesse se tornado um homem. Então, desvia o olhar e uma risadinha lhe escapa, entregando o quanto ainda é um menino. — Meus irmãos me disseram que se algum dia eu beijasse você, eles me dariam uma surra.

Ora essa. Muito bonito.

— Eles lhe contaram?

— Não. Eles nunca contariam nada. É que ouvi os dois discutindo. Os dois estavam afirmando que eram o seu preferido e o resto acabou escapulindo.

— Não me diga? — Balanço a cabeça. Isso ia acabar acontecendo. — Mas e você? Você quer me beijar?

Straggler fez um som agudo.

— O quê? — pergunta ele, arregalando os olhos. — Eu não sei! Quer dizer, claro. Eu gostaria. Eu quero. Mas sei que não vamos nos beijar, então, tudo bem. Mais do que bem, porque nem em sonho eu imaginei que você pudesse querer. Fazer isso. Comigo.

Fico olhando distraidamente para Willow, Talon e Clara, que começaram outra corrida, enquanto analiso a situação.

Não tenho vontade de beijar Straggler. Meu plano de seguir em frente mudou. Hyde e Hayden são incríveis, cada um com seu jeito próprio, mas não estou pronta para entregar novamente o meu coração a ninguém. Ainda não, porém, um dia eu sei que estarei. Um dia eu vou encontrar alguém que me verá como *a melhor*, não *uma das melhores*.

Vou encontrar um amor vital.

Mas meu novo plano é focar *em mim*. Em vez de tentar curar uma ferida, vou continuar a fazer coisas que fazem com que eu me sinta forte. Brincar com Clara. Proteger minha tribo. Essas são coisas que consigo fazer agora. Elas me preenchem. E há feridas que não se curam apenas pela vontade. Você simplesmente tem de deixar que elas saem sozinhas.

Apesar de tudo isso, eu *vou* beijar Straggler. Não por mim, mas por ele. O contentamento que sinto por dentro é tão grande que tenho que disseminar o sentimento.

Realmente sinto vontade de ser legal para variar.

— Haven? Eu tenho um presente de aniversário pra você. — Então, eu me inclino e beijo seus lábios.

Quando recuo, ele está perplexo, mas ainda não terminei. Não posso evitar sorrir, sabendo o quanto as palavras que direi em seguida serão importantes para ele:

– Você pode dizer aos seus dois irmãos que *voce* é o meu preferido.

Título Original

BROOKE

AN UNDER THE NEVER SKY STORY

Copyright © 2012 by Veronica Rossi Edição brasileira publicada mediante acordo com Sandra Bruna Agencia Literaria, em conjunto com Adams Literary Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma ou meio eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópia, gravação ou sistema de armazenagem e recuperação de informação, sem a permissão escrita do editor.

Direitos desta edição reservados à EDITORA ROCCO LTDA.

Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar 20030-021 – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001

rocco@rocco.com.br

www.rocco.com.br

Preparação de originais

ANNA BUARQUE

Coordenação Digital

MARIANA MELLO E SOUZA

Assistente de Produção Digital

MARIANA CALIL

Revisão de arquivo ePub

PRISCYLLA PIUCCO

Edição digital: janeiro, 2017.

R743b

Rossi, Veronica

Brooke [recurso eletrônico] : uma história de never sky / Veronica Rossi ; tradução Alice Klesck. -
1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco Jovens Leitores, 2017.
recurso digital (Never sky)

Tradução de: Brooke: an under the never sky story ISBN 978-85-7980-335-2 (recurso eletrônico)
1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Klesck, Alice. II. Título. III. Série.

16-38145

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

A AUTORA

Veronica Rossi nasceu na cidade do Rio de Janeiro. Durante a infância, morou em vários países e cidades pelo mundo, até se fixar no norte da Califórnia, onde vive atualmente com o marido e dois filhos. É graduada pela Universidade da Califórnia, em Los Angeles, e estudou belas-artes na Escola de Artes, em São Francisco. Mas não era só pintura a óleo que fascinava a escritora; ela também praticou artes marciais durante muitos anos. O savate (boxe francês) e o jiu-jitsu eram suas lutas preferidas. Sua estreia na literatura, a trilogia *Never Sky*, foi vendida para mais de 25 países e teve os direitos de adaptação cinematográfica comprados pelos estúdios Warner Bros.

LEIA UM TEASER DE

A CAMINHO DO
AZUL SERENO



Capítulo I

ÁRIA

Ária acordou subitamente, com o eco dos tiros zunindo em seus ouvidos.

Desorientada, ela olhou em volta, observando as paredes de lona, as duas camas de armação de madeira e as pilhas de baús surrados, reconhecendo finalmente a tenda de Perry.

A dor latejava em seu braço direito. Ela olhou para a atadura branca, que ia do ombro até o pulso, e o pavor revirou seu estômago.

Um Guardião atirara nela em Quimera.

Ela passou a língua nos lábios ressecados, sentindo o gosto amargo do remédio para dor. *Apenas tente*, disse a si mesma. Não deve estar tão ruim assim.

Pontadas de dor irradiaram-se por seu bíceps, quando ela tentou fechar a mão. Seus dedos só mexeram levemente. Era como se sua mente tivesse perdido a capacidade de se comunicar com sua mão, a mensagem desaparecendo em algum lugar ao longo do braço.

Ficando de pé, ela oscilou no lugar por alguns instantes, esperando que uma nova onda de tonteira passasse. Ela fora levada para aquela tenda assim que ela e Perry chegaram e, desde então, ali permanecera. Mas ela não podia ficar nem mais um segundo lá dentro. Que sentindo fazia, se ela não estava melhorando?

Suas botas estavam em cima de um dos baús. Decidida a encontrar Perry, ela sentou-se para calçá-las – um desafio e tanto com apenas uma das mãos.

– Botas desgraçadas – murmurou ela. Ela puxou uma delas com mais força e seu braço passou a queimar.

– Ah, não culpe as botas, coitadas.

Molly, a curandeira da tribo, entrou na tenda segurando uma lamparina. De

cabelos macios e grisalhos, ela não se parecia em nada com a falecida mãe de Ária, mas elas tinham uma postura parecida. Serena e confiável.

Ária enfiou os pés nas botas – nada como uma plateia para oferecer a motivação necessária – e endireitou-se.

Molly pousou a lamparina sobre um baú e aproximou-se.

– Tem certeza de que já consegue sair da cama?

Ária jogou os cabelos para trás da orelha e tentou desacelerar a pulsação. Um suor frio tinha começado a minar em seu pescoço.

– Tenho certeza de que vou enlouquecer, se eu continuar aqui.

Molly sorriu, com o rosto cheio brilhando à luz da lamparina.

– Já ouvi esse mesmo comentário algumas vezes, hoje. – Ela pousou a mão áspera sobre o rosto de Ária. – Sua febre baixou, mas você precisa de uma nova dose do remédio.

– Não. – Ária balançou a cabeça. – Eu estou bem. Cansei de ficar dormindo.

Dormindo não era bem a palavra. Durante os últimos dias, ela tinha algumas lembranças sombrias de emergir de um abismo negro para tomar remédio e colheradas de caldo quente. Às vezes, Perry estava por ali, amparando-a e sussurrando em seu ouvido. Ao ouvi-lo falar, ela via o brilho de braseiros. Fora isso, nada além de escuridão – e pesadelos.

Molly pegou sua mão dormente e a apertou. Ária não sentiu nada, mas, conforme Molly foi apalpando seu braço, ela gemeu de dor, contraindo a barriga.

– Você teve alguns danos nos nervos – disse Molly. – Imagino que já tenha notado isso.

– Mas vai melhorar, não vai? Um dia?

– Gosto demais de você para lhe dar falsas esperanças, Ária. A verdade é que eu não sei. Marron e eu fizemos o melhor possível. Pelo menos, conseguimos salvar o braço. Por um tempo, pareceu que teríamos de cortá-lo.

Ária estremeceu e virou o rosto para as sombras, tentando assimilar aquelas palavras. Seu braço quase fora amputado. Arrancado como uma peça descartável. Um acessório. Um chapéu ou um cachecol. Será que ela chegou a correr o risco de acordar e ver que lhe faltava um pedaço?

– É o braço que foi envenenado – disse ela, mantendo-o junto ao corpo. – Não era grande coisa antes. – Sua Marca, a tatuagem feita pela metade, que a teria identificado como uma Audi, era a coisa mais horrenda que ela já vira. – Você

poderia me levar para conhecer o lugar, Molly?

Ária não esperou pela resposta. A necessidade de ver Perry – e esquecer-se de seu braço – era desesperadora. Ao curvar-se e cruzar a abertura da tenda, ela subitamente parou.

Olhou para cima, arrebatada pela corpulência da caverna, uma imensidão que parecia ao mesmo tempo próxima e por toda parte. Estalactites de todos os tamanhos emergiam da escuridão acima, uma escuridão diferente da que ela vivenciara em seu estado de torpor. Antes tinha sido um vazio, uma ausência. Essa escuridão tinha som e dimensão. Parecia viva e consistente, zumbindo baixinho e sem cessar em seus ouvidos.

Ária respirou fundo. O ar fresco cheirava a salmoura e fumaça, aromas tão fortes que ela chegava a sentir o gosto.

– Para a maioria de nós, a escuridão é a parte mais difícil. – Molly agora estava parada ao seu lado.

Ao redor delas, em fileiras alinhadas, Ária enxergou mais tendas, fantasmas puídos nas trevas. Sons emanavam de algum ponto distante, onde tochas tremulavam – o triturar das rodas de um carrinho passando sobre pedras, o gotejar constante de água, o berro suplicante de um bode –, ecoando freneticamente em seus ouvidos sensíveis.

– Quando não se enxerga mais de quarenta passos à frente – prosseguiu Molly –, é fácil se sentir encurralado. Não estamos, graças aos céus. Ainda não chegou a tanto.

– E o Éter? – perguntou Ária.

– Pior. Há tempestades diárias, desde que você chegou, algumas bem acima de nós. – Molly enlaçou o braço bom de Ária. – Somos sortudos por ter esse lugar. Porém, às vezes não é fácil se sentir assim.

Uma imagem de Quimera ruindo e virando pó passou pela cabeça de Ária. Seu lar fora destruído e a aldeia dos Marés também havia sido abandonada.

Molly estava certa. Isso era melhor que nada.

– Imagino que você queira ver o Peregrine – falou Molly, passando com Ária por uma fileira de tendas.

Imediatamente, pensou Ária.

– Sim – foi o que ela respondeu, no entanto.

– Receio que você terá de esperar um pouquinho. Ouvimos dizer que havia

gente adentrando nosso território. Ele saiu com o Gren, para encontrá-los. Estou torcendo para que seja o Roar e que ele tenha trazido o Cinder junto com ele.

Só em ouvir o nome de Roar, Ária sentiu um nó na garganta. Ela se preocupava com ele. Eles só estavam separados há alguns dias, mas parecia tempo demais.

Elas chegaram a uma área aberta, tão vasta quanto a clareira no centro da aldeia dos Marés. No meio, havia uma plataforma de madeira cercada por mesas e cadeiras – todas apinhadas de gente ao redor de lamparinas. Vestidas em tons de marrom e cinza, as pessoas se fundiam à escuridão, mas o falatório delas vinha fluando em sua direção, as vozes cheias de ansiedade.

– Só temos permissão para sair da caverna quando for seguro lá fora – explicou Molly, notando a expressão de Ária. – Hoje há focos de incêndio por perto e uma tempestade ao sul; portanto, estamos presos aqui.

– Não é *seguro* lá fora? Você disse que o Perry está lá fora.

Molly piscou.

– Sim, mas ele pode infringir suas próprias regras.

Ária sacudiu a cabeça. Como Soberano de Sangue, ele provavelmente precisava correr riscos.

Perto do estrado, as pessoas começaram a notar as duas. Queimados pelo sol e o sal, os Marés tinham um nome apropriado. Ária avistou Reef e alguns de seus guerreiros, um grupo conhecido como Seis. Ela reconheceu os três irmãos: Hayden, Hyde e Straggler, o caçula. Ela não se surpreendeu que Hyde, Vidente como os irmãos, a tivesse visto primeiro. Ele ergueu a mão, num cumprimento hesitante.

Ária retribuiu com um aceno trêmulo. Ela mal o conhecia, ou qualquer uma daquelas pessoas. Só passara alguns dias com a tribo de Perry, antes de deixar a aldeia dos Marés. Agora, diante dessa gente quase estranha, ela queria muito ver *seus* amigos, mas não via. Nem uma única pessoa que ela e Perry haviam salvado de Quimera estava ali.

– Onde estão os Ocupantes? – perguntou.

– Numa parte separada da caverna.

– Por quê?

Mas a atenção de Molly tinha se voltado para Reef, que deixou seus homens e vinha andando até elas. Na escuridão, suas feições pareciam ainda mais rudes, e a

cicatriz imensa que ia de seu nariz até a orelha parecia ainda mais sinistra.

– Que bom que você acordou. – Pelo tom, parecia que Ária estivera dormindo por pura preguiça. Perry gostava desse homem, ela lembrou a si mesma. Confiava nele. Mas Reef nunca fizera qualquer tentativa de se aproximar dela.

Ela olhou diretamente nos olhos dele.

– Convalescer é entediante.

– Precisamos de você – disse ele, ignorando o tom de sarcasmo na voz dela.

Molly sacudiu o dedo para ele.

– Pode parar por aí, Reef. Ela acabou de acordar e precisa se aclimatar. Ela não precisa saber disso agora.

Reef endireitou os ombros e franziu as sobrancelhas grossas.

– Quando devemos dizer a ela, Molly? Todos os dias trazem novas tempestades. A cada hora, nossos suprimentos de comida estão diminuindo. A cada minuto, alguém chega mais perto de enlouquecer dentro dessa rocha. Se houver um momento melhor para que ela descubra a verdade, eu gostaria de saber quando. – Ele se inclinou na direção dela e algumas de suas tranças grossas caíram sobre seu rosto. – Regras de guerra, Molly. Fazemos o que é preciso, quando for preciso, e, neste momento, isso significa que ela precisa saber o que está acontecendo.

As palavras de Reef sacudiram os últimos resquícios de torpor da mente de Ária. E trouxeram-na ao ponto em que ela estivera uma semana antes, alerta e tensa, ligeiramente ofegante, com uma sensação de desespero revolvendo por dentro.

– Diga-me o que aconteceu – pediu ela.

Reef voltou seu olhar intenso para Ária.

– É melhor que eu lhe mostre – disse ao sair andando.

Ela o seguiu, saindo da área comum e adentrando mais a caverna, onde ficava cada vez mais escuro e quieto, e seu pavor ia aumentando a cada passo. Molly deu um suspiro de angústia, mas os acompanhou.

Eles seguiam em meio às formações rochosas derretidas – uma floresta de pedras que pingava do teto e se erguia do solo, lentamente se fundindo – até que Ária se viu caminhando por um corredor natural. Aqui e ali, o túnel se abria para outras passagens, que emanavam sopros frescos e úmidos em seu rosto.

– Naquela direção fica a área de estoque de medicamentos e suprimentos – disse Molly, apontado para esquerda. – Qualquer coisa que não seja comida ou

animais. Os animais e os alimentos são mantidos em cavernas na outra ponta. – Ela soava mais animada do que o normal, como se estivesse tentando compensar pela agressividade de Reef. Enquanto caminhava, ela delicadamente balançava a lamparina, fazendo com que as sombras se inclinassem para frente e para trás, ao longo do espaço apertado. Ária começou a ficar levemente tonta e enjoada.

Para onde eles a estavam levando?

Ela nunca vira uma escuridão como essa. Lá fora sempre houve o Éter, ou a luz do sol, ou o luar. No núcleo, dentro das paredes protegidas de Quimera, as luzes sempre foram radiantes. Sempre. Isso era novo, essa piscina escura e sufocante. Ela sentia o breu encher seus pulmões, a cada respiração. Estava tragando o escuro. Arrastando-se por ele.

– Por trás daquela cortina fica a Sala de Batalha – prosseguiu Molly. – É uma caverna menor, para onde trouxemos uma das mesas do antigo refeitório. Perry se reúne com as pessoas ali dentro, para discutir assuntos importantes. O pobre menino quase nunca sai de lá.

Caminhando silenciosamente à frente delas, Reef balançou a cabeça.

– Eu me preocupo com ele, Reef – defendeu-se Molly, visivelmente irritada. – Alguém tem que se preocupar.

– E você acha que eu não me preocupo?

Ária também se preocupava – mais do que qualquer um deles –, mas ela ficou quieta, deixando que eles discutissem.

– Bem, se você se preocupa, disfarça muito bem – disparou Molly. – Tudo o que você parece fazer é criticar as coisas que acha que ele está fazendo errado.

Reef deu uma olhada para trás, por cima do ombro.

– Devo começar a dar tapinhas nas costas dele e dizer o quanto ele é maravilhoso? Isso nos ajudará de alguma forma?

– Você deveria fazer isso, sim, de vez em quando.

Ária parou de ouvi-los. Os pelos de seus braços se eriçaram quando seus ouvidos começaram a identificar novos ruídos. Gemidos. Sussurros. Sons horrendos que vinham em sua direção, de dentro dos túneis. Um coro de aflição.

Ela distanciou-se de Molly e Reef, segurando o braço ferido junto ao corpo, enquanto seguia apressada. Ao dobrar num corredor, ela chegou a uma caverna grande e penumbrosa, iluminada por lamparinas.

Espalhadas pelo chão, sobre cobertas, havia dezenas de pessoas, em estados

variados de consciência. Seus rostos estavam profundamente pálidos, em contraste com as roupas cinzentas – a mesma roupa que ela usara a vida inteira, até ser expulsa de Quimera.

– Eles adoeceram logo depois que vocês todos chegaram – Molly disse, ao alcançá-la. – Você foi para a tenda de Perry e eles vieram para cá, e estão assim desde então. Perry disse que a mesma coisa aconteceu com você assim que você saiu de Quimera. É o choque do sistema imunológico. Algumas pessoas foram inoculadas a bordo da aeronave na qual vocês chegaram. Havia um suprimento para trinta pessoas, mas vocês eram 42. A pedido de Perry, nós distribuímos quantidades iguais para todos. Ele disse que isso seria o que você gostaria que fosse feito.

Ária não conseguia responder. Mais tarde, quando conseguisse voltar a pensar com clareza, ela lembraria cada palavra de Molly. Pensaria no modo como Reef a observava, de braços cruzados, como se aquilo fosse um problema para ela resolver. Ela se aproximou dos doentes, com o coração preso na garganta.

A maioria das pessoas que ela via estava imóvel, pareciam mortas. Outras tremiam de febre, pálidas, quase verdes. Ela não sabia quem estava pior.

Ela olhava os rostos em volta, à procura de seus amigos; Caleb e Rune e...

– Ária... aqui.

Ela seguiu a voz e sentiu uma pontada de culpa ao avistar Soren; ela nem se lembrara dele. Ária passou pelos aglomerados de pessoas e se ajoelhou ao seu lado.

Soren sempre fora muito corpulento, mas agora a robustez de seus ombros e pescoço havia murchado. Mesmo embrulhado num cobertor, dava para perceber. Ela via em seu rosto e olhos fundos, pesados, com as pálpebras meio caídas, mas fixas nela.

– Que gentileza a sua aparecer por aqui – disse ele, claramente mais lúcido do que os outros. – Estou com um pouco de inveja por você ter recebido acomodações particulares. Acho que conhecer as pessoas certas compensa.

Ária não sabia o que dizer. Ela não conseguia absorver aquele nível de sofrimento. Sua garganta estava engasgada com tudo aquilo. Sufocada pela necessidade de ajudar. De mudar aquela situação de alguma forma.

Soren piscou languidamente.

– Agora entendi por que você adora o lado de fora. Isso aqui é totalmente excelente.



Capítulo 2

PEREGRINE

– Você acha que é o Roar, ou o Twig? – perguntou Gren, aproximando o cavalo dele do cavalo de Perry.

Perry inalou, em busca de vestígios dos cavaleiros que haviam sido avistados mais cedo. Ele não farejava nada além de fumaça.

Dez minutos antes, ao deixar a caverna, ele estava ávido por ar fresco. Pela luz e a sensação de estar a céu aberto e de movimento. Mas tudo que ele ganhou foi uma névoa cinzenta e espessa dos focos de incêndio matinais, que encobria tudo, e a sensação aflitiva do Éter, como centenas de alfinetadas em sua pele.

– Eu ficaria surpreso se fosse outra pessoa – respondeu. – Além de Roar e eu, quase ninguém sabe da existência desta trilha.

Ele caçava naquelas matas com Roar desde que eles eram garotos. Mataram o primeiro cervo juntos, não muito longe dali. Perry conhecia cada pedaço do caminho que atravessava as terras que um dia pertenceram ao seu pai, depois ao seu irmão, até passarem a ser suas, meio ano atrás, quando ele se tornou Soberano de Sangue.

Elas mudaram muito, no entanto. Nos últimos meses, as tempestades de Éter haviam provocado incêndios que arrasaram as colinas, deixando grandes extensões chamuscadas. A temperatura estava baixa demais para o fim da primavera e o cheiro da floresta também estava diferente. Os aromas da vida – a terra, a grama e a caça – pareciam enterrados sob o odor pungente de fumaça.

Gren ajustou o chapéu marrom na cabeça.

– Qual é a possibilidade de Cinder estar com eles? – perguntou, com um tom de desespero na voz. Cinder havia sido sequestrado sob a guarda de Gren, que não

se perdoara por isso.

– Boa. Roar nunca falha.

Ele pensou em Cinder, em como o menino estava fraco e fragilizado quando fora levado. Perry não queria pensar no que poderia estar acontecendo com ele nas mãos de Sable e Hess. Eles haviam juntado forças, os Galhadas e os Ocupantes, e raptado Cinder por sua habilidade de controlar o Éter. Aparentemente, ele era a chave para se chegar ao Azul Sereno. Perry só queria o garoto de volta.

– Perry! – Gren puxou as rédeas de seu cavalo. Ele inclinou a cabeça para captar melhor cada som com seus ouvidos aguçados. – Dois cavalos, em alta velocidade na nossa direção.

Perry ainda não conseguia enxergar ninguém, perscrutando a trilha adiante, mas só podiam ser eles. Ele assoviou para que Roar soubesse que ele estava ali. Alguns segundos se passaram, enquanto ele esperava pela resposta de Roar.

Nada.

Perry xingou. Roar teria ouvido e assoviado em resposta.

Ele puxou o arco do ombro e prendeu uma flecha, mantendo os olhos fixos na curva do caminho. Gren também preparou seu arco e eles caíram em silêncio, prontos para qualquer coisa.

– Agora – murmurou Gren.

Perry ouviu os cavalos estrondando ao se aproximarem. Ele puxou a flecha para trás, mirando na trilha, quando viu Roar contornar uma touceira de bétulas.

Perry baixou o arco, tentando entender o que estava acontecendo.

Roar aproximou-se a galope, com seu cavalo negro arrancando nacos de terra. Sua expressão estava focada, fria, e não mudou quando ele avistou Perry.

Twig, outro do bando dos Seis, assim como Gren, contornou a curva logo depois. Assim como Roar, ele cavalgava sozinho. A esperança de Perry de ter Cinder de volta se despedaçou.

Roar correu em pleno galope até o último momento, depois parou bruscamente.

Perry o encarava sem dizer nada, um silêncio profundo se estendendo entre os dois. Ele não esperava olhar para Roar e pensar em *Liv*, embora devesse. Ela também pertencera a Roar. A perda da irmã voltou a golpear o estômago de Perry, como fizera dois dias antes, quando recebeu a notícia.

– Que bom que você está de volta em segurança, Roar – disse finalmente. Sua voz soou forçada, mas, pelo menos, ele conseguiu dizer as palavras.

O cavalo de Roar estava agitado, remexendo a cabeça, mas Roar mantinha os olhos fixos.

Perry conhecia aquele olhar hostil. Mas nunca o vira apontado em sua direção.

– Onde *você* estava? – perguntou Roar.

Tudo naquela pergunta estava errado. O tom acusador na voz de Roar. Sua insinuação de que Perry havia falhado de alguma maneira.

Onde ele estava? Cuidando de quatrocentas pessoas que definhavam numa caverna.

Perry ignorou a pergunta e fez a sua.

– Você encontrou Hess e Sable? Cinder estava com eles?

– Eu os encontrei – disse Roar, friamente. – E sim. Eles estão com Cinder. O que você vai fazer a respeito?

Então, ele bateu com os calcanhares no cavalo e saiu a galope.

Eles regressaram à caverna sem dizer uma palavra. O clima constrangedor permaneceu entre eles, tão denso quanto a fumaça que pairava sobre a floresta. Até mesmo Gren e Twig – melhores amigos – trocaram poucas palavras, e as brincadeiras habituais foram banidas pelo clima tenso.

A hora de silêncio deu a Perry tempo de sobra para lembrar-se da última vez em que vira Roar: uma semana atrás, no meio da pior tempestade de Éter que ele já enfrentara. Roar e Ária tinham acabado de regressar do território dos Marés, após passarem um mês fora. Ao vê-los juntos, depois de passar semanas sentindo falta de Ária, Perry perdeu a cabeça e atacou Roar. Ele esmurrou Roar, pensando o pior de um amigo que jamais duvidara *dele*.

Isso certamente havia contribuído para o temperamento sombrio de Roar, mas o verdadeiro motivo era óbvio.

Liv.

Perry ficou tenso ao lembrar-se da irmã, e seu cavalo espantou-se sob ele.

– Opa. Calma, garota – disse, aquietando a égua. Ele sacudiu a cabeça e repreendeu a si mesmo por deixar seus pensamentos vaguearem.

Ele não podia se permitir pensar em Liv. A tristeza o tornaria fraco; algo que ele não podia se dar ao luxo de ser agora, com centenas de vidas em suas mãos.

Seria mais difícil manter o foco com Roar por perto, mas ele o faria. Não tinha escolha.

Agora, enquanto descia pela estrada em zigue-zague, ele observava Roar adiante e dizia a si mesmo para não se preocupar. Roar era seu irmão em todos os sentidos, menos de sangue. Eles encontrariam uma maneira de superar a briga. De superar o que havia acontecido com Liv.

Perry desceu do cavalo na pequena praia, ficando para trás, enquanto os outros desapareciam rumo à fenda escura que levava às entranhas da montanha. A caverna era sua tortura particular e ele ainda não estava pronto para voltar. Quando estava lá dentro, precisava de cada milímetro de sua concentração para conter o pânico que sufocava seus pulmões e lhe tirava o fôlego.

– Você é claustrofóbico – Marron lhe dissera ontem. – É um medo irracional de ficar preso em locais fechados.

Mas ele também era Soberano de Sangue. Não tinha tempo para medo, irracional ou não.

Ele respirou fundo, saboreando o ar externo por mais alguns instantes. A brisa vespertina do mar tinha dissipado a névoa enfumaçada e, pela primeira vez no dia, ele podia ver o Éter.

As correntes azuis rolavam pelo céu, numa tempestade de ondas luminosas e giratórias. Estavam mais aterradoras que nunca, até mais que ontem, porém outra coisa chamou sua atenção. Ele viu rajadas vermelhas, onde o Éter revolia com mais intensidade, como pontos quentes. Como o vermelho do nascer do sol, sangrando da crista de uma onda.

– Está vendo aquilo? – perguntou Perry a Hyde, que voltou correndo para encontrá-lo.

Um dos melhores Videntes dos Marés, Hyde seguiu o olhar de Perry, estreitando seus olhos de falcão.

– Estou, sim, Per. O que você acha que é?

– Não tenho certeza, mas duvido que seja bom.

Eles ficaram em silêncio por alguns momentos.

– Eu gostaria de poder ver o Azul Sereno, sabe? – O olhar de Hyde se desviara para o horizonte, além do oceano. – Seria mais fácil encarar tudo isso, se eu soubesse que ele está lá, esperando por nós.

Perry detestava a derrota que se acumulava no temperamento de Hyde, um

cheiro rançoso, como poeira.

– Você logo verá – disse ele. – Você será o segundo a ver.

– Meus olhos são mais fortes que os seus.

Hyde mordeu a isca. Perry sorriu.

– Eu quis dizer Brooke, não eu.

Hyde deu um empurrão no ombro de Perry.

– Não é verdade. Minha visão tem o dobro do alcance.

– Você é um homem cego comparado a ela.

Os dois continuaram a discutir enquanto seguiam rumo à caverna, com o humor de Hyde melhorando, como Perry planejara. Ele precisava manter o moral alto, ou eles jamais conseguiriam superar tudo aquilo.

– Encontre o Marron pra mim e peça que me encontre na Sala de Batalha – disse Perry, quando eles entraram. – Também preciso de Reef e Molly lá. – Ele indicou Roar com a cabeça, a alguns passos de distância e de costas para eles, observando a caverna de braços cruzados. – Arrume um pouco de água e algo para ele comer, e faça com que se junte a nós imediatamente.

Era hora de traçar uma estratégia e Roar tinha informação sobre Cinder, Sable e Hess. Para chegar ao Azul Sereno, Perry precisava das aeronaves dos Ocupantes – ele e Ária tinham trazido uma delas de Quimera, mas ela não conseguiria levar todos eles – e também precisava saber exatamente que direção tomar, ou os Marés não iriam a lugar algum.

Cinder. Aeronaves. Uma direção.

Três coisas, e Sable e Hess tinham todas elas. Mas isso ia mudar.

Roar falou, ainda de costas:

– Perry parece ter se esquecido de que eu consigo ouvir cada uma de suas palavras, Hyde. – Ele se virou, encarando Perry, e lá estava aquele olhar hostil novamente. – Independentemente da minha vontade.

A raiva invadiu Perry. Ali perto, Hyde e Gren ficaram tensos, com seus humores em vermelho vivo, mas Twig, que estivera com Roar havia dias, foi o primeiro a entrar em ação. Ele soltou a rédea e disparou até Roar, agarrando-o pelo casaco preto.

– Vamos – disse, dando um cutucão em Roar que foi quase um empurrão. – Eu vou lhe mostrar o caminho. Até você se acostumar, é fácil se perder por aqui.

Quando eles saíram, Gren sacudiu a cabeça.

– O que foi *aquilo*?

As respostas passavam pela cabeça de Perry.

Roar sem Liv.

Roar sem motivo para viver.

Roar no inferno.

– Não é nada – respondeu Perry, agitado demais para explicar. – Ele só precisa esfriar a cabeça.

Ele seguiu para a Sala da Batalha, enquanto Gren foi cuidar dos cavalos. A cada passo, a ansiedade aumentava dentro dele, apertando seus pulmões, mas ele lutava contra aquilo. Ao menos a escuridão da caverna não o incomodava, como acontecia com a maioria. Por alguma reviravolta do destino, seus olhos de Vidente enxergavam ainda melhor com pouca luz.

Na metade do caminho, Flea, o cachorro de Willow, veio correndo. Latia e pulava como se não visse Perry havia semanas. Talon e Willow vieram logo atrás.

– Você encontrou o Roar? – quis saber Talon. – Era ele?

Perry agarrou Talon e o segurou de cabeça para baixo, e foi presenteado com uma gargalhada.

– Com certeza, Squik. – Roar tinha voltado; o que sobrara dele, pelo jeito.

– E o Cinder também? – perguntou Willow, com os olhos arregalados de esperança. Ela se afeiçoara a Cinder. Estava tão desesperada quanto Perry para tê-lo de volta.

– Não. Até agora, só o Roar e o Twig. Mas nós vamos encontrá-lo, Willow. Eu prometo.

Apesar de sua afirmação, Willow soltou uma porção de palavrões. Talon deu uma risadinha e Perry riu também, mas ele sentia pena dela. Ele farejava seu sofrimento.

Perry colocou Talon no chão.

– Pode me fazer um favor, Squik? Dá uma olhada na Ária pra mim? – Ela estava sedada desde que eles haviam chegado à caverna, e o ferimento em seu braço se recusava a sarar. Ele ia vê-la sempre que podia, e passava todas as noites com ela em seus braços, mas, ainda assim, sentia sua falta. Mal podia esperar que ela despertasse.

– Pode deixar! Vamos, Willow.

Perry ficou olhando os dois saírem correndo, com Flea atrás deles. Ele achara

que a caverna assustaria seu sobrinho, mas Talon se adaptara rápido, como todas as crianças. A escuridão os inspirava a brincar de jogos intermináveis de pique-esconde, e eles passavam horas em aventuras, desbravando as cavernas. Mais de uma vez, Perry ouvira as crianças histéricas por conta dos sons ecoantes – alguns que teria sido melhor não ouvir.

Bem que ele gostaria que os adultos tivessem o mesmo espírito.

Perry entrou na Sala da Batalha e cumprimentou Marron com um aceno de cabeça. O teto era baixo e irregular, forçando-o a se abaixar ao contornar a longa mesa de reunião. Ele lutava para manter a respiração equilibrada, dizendo a si mesmo que as paredes não estavam se fechando sobre ele; era só impressão.

Roar havia chegado antes. Ele estava recostado na cadeira, com as botas em cima da mesa. Segurava uma garrafa de Luster e não ergueu os olhos quando Perry entrou. Mau sinal.

Bear e Reef acenaram para Perry, em meio a uma conversa sobre as chamas vermelhas que tinham surgido no Éter. A bengala de Bear estava sobre a mesa, abrangendo a distância ocupada pelos três homens. Sempre que via aquela bengala, Perry se lembrava de ter tirado Bear dos destroços da casa dele.

– Alguém sabe por que a cor está mudando? – perguntou Perry. Ele sentou-se em sua cadeira habitual, com Marron à direita e Reef à esquerda. Sentia-se estranho sentado de frente para Roar, como se eles fossem adversários.

Havia velas acesas no centro da mesa, com chamas imóveis e perfeitas; ali não havia qualquer corrente de ar para fazer com que tremulassem. Marron tinha mandado pendurar tapetes ao longo do perímetro para criar paredes falsas e a ilusão de uma sala de verdade. Perry ficou imaginando se isso ajudava os outros.

– Sim – respondeu Marron. Ele começou a girar um anel de ouro em seu dedo.
– O mesmo fenômeno aconteceu durante a época da União. Isso sinalizou o começo de tempestades constantes. À época, elas duraram trinta anos. Veremos a cor continuar a mudar até ficar completamente vermelha. Quando isso acontecer, será impossível sair. – Ele fechou os lábios apertados, sacudindo a cabeça. – Receio que nós ficaremos confinados aqui.

– Quanto tempo nós temos? – perguntou Perry.

– Os relatos em relação àquela época variam; portanto, fica difícil dizer com precisão. Podem ser apenas algumas semanas, se tivermos sorte.

– E se não tivermos?

– Dias.

– Pelos céus! – exclamou Bear, pousando os braços pesados sobre a mesa. Ele soltou o ar, fazendo tremular a chama da vela à sua frente. – Uma questão de *dias*?

Perry tentou digerir essa informação. Ele tinha trazido os Marés até ali, como um abrigo temporário. Prometera-lhes que não seria para sempre; e não podia ser mesmo. A caverna não era um núcleo como Quimera, com a capacidade de autossustentação. Ele precisava tirá-los dali.

Ele olhou para Reef, em busca de um conselho.

Mas, naquele momento, Ária entrou na sala.

Perry ficou de pé tão depressa que sua cadeira caiu para trás. Ele deu dez passos na direção dela como um raio, batendo a cabeça no teto baixo, trombando a perna na mesa, deslocando-se da maneira mais descoordenada de toda sua vida.

Ele a puxou, abraçando-a com o máximo de força que pôde, sendo cauteloso com seu braço machucado.

Ela estava com um cheiro incrível. De violetas e campos abertos sob o sol. Um perfume que fez seu coração disparar. Era o cheiro da liberdade. Era tudo que a caverna não era.

– Você está acordada – disse ele, quase rindo de si mesmo. Fazia dias que ele vinha esperando para falar com ela; podia ter dito algo melhor.

– Talon disse que você estava aqui – disse ela, sorrindo para ele.

Ele passou a mão sobre a atadura no braço dela.

– Como se sente?

Ela encolheu os ombros.

– Melhor.

Ele desejou que fosse realmente verdade, mas as olheiras sob os olhos dela e a palidez em sua pele lhe diziam o contrário. Ainda assim, ela era a coisa mais linda que ele já vira. Facilmente.

A sala caíra em silêncio. Eles tinham uma plateia, mas Perry não se importava. Eles haviam ficado separados durante o inverno, quando ela esteve na casa de Marron, depois, mais um mês, quando ela foi até Rim, com Roar. A semana que passaram juntos, nos Marés, tinha sido de poucos momentos roubados. Ele aprendera a lição. Não desperdiçaria nem mais um segundo quando estivesse com ela.

Ele pegou seu rosto nas mãos e a beijou. Ária deixou escapar uma exclamação de surpresa, depois ele a sentiu relaxar. Os braços dela o enlaçaram e o que começou como um leve beijo foi se aprofundando. Ele a segurou apertado, esquecendo-se de tudo e todos, exceto ela, até que ouviu a voz rouca de Reef atrás dele:

- Às vezes, eu me esqueço que ele só tem dezenove anos.
- Ah, sim. Esse é um engano fácil de cometer. - O comentário delicado só podia ter vindo de Marron.
- Agora não.
- Não... certamente, agora não.



Capítulo 3

ÁRIA

Ária ficou olhando para Perry, ligeiramente desarmada.

O relacionamento deles acabara de se tornar público, e ela estava despreparada para a onda de orgulho que a invadiu. Ele era dela, e ele era incrível, e eles não precisavam mais se esconder, ou inventar desculpas, nem ficar mais separados.

– É melhor começarmos a reunião – disse ele, sorrindo pra ela.

Ela murmurou concordando e se forçou a se afastar dele, tentando não parecer tão cambaleante quanto se sentia. Ela avistou Roar em pé, do outro lado da mesa, e o alívio a fez voltar ao presente.

– Roar! – Ária apressou-se até ele, envolvendo-o num meio abraço.

– Cuidado, não vá se machucar – disse ele, franzindo o rosto para o braço dela.

– O que aconteceu?

– Ah, isso? Acabei levando um tiro.

– Por que foi fazer uma coisa dessas?

– Acho que eu queria um pouco de compaixão.

Esse era o jeito deles, sempre se provocando, mas Ária o observava, enquanto eles falavam, e sentiu um aperto no peito.

Embora ele falasse como sempre, os olhos de Roar tinham perdido toda a alegria. Agora estavam pesados de tristeza; uma tristeza que ele levava a todo lugar. No sorriso dele. Nos ombros caídos. Até em sua postura, pendendo ligeiramente para um lado, como se sua vida inteira estivesse desequilibrada. Ele estava com a mesma aparência de uma semana atrás, quando eles desceram juntos o rio Cobra: alguém com o coração partido.

Ela desviou o olhar para além dele, até Marron, que caminhava até eles

sorrindo, com os olhos azuis alertas e vivos, as bochechas coradas e redondas. O completo oposto do rosto tenso de Roar.

– É muito bom vê-la – disse Marron, puxando-a num abraço. – Todos nós estávamos preocupados.

– É bom ver você também. – Ele era macio e tinha um cheiro tão bom, de água de rosas e fumaça de madeira. Ela abraçou-o por mais um instante, lembrando-se dos meses em que havia passado em sua casa, ao longo do inverno, depois de saber que sua mãe morreria. Ela estaria perdida sem a ajuda dele.

– Não estamos no meio de uma crise, Ária? – Soren entrou, com os ombros erguidos e o queixo projetado. – Eu juro que você disse isso cinco minutos atrás.

A expressão em seu rosto – arrogância, irritação e repulsa – havia sido a dela seis meses antes, quando ela conheceu Perry.

– Eu tiro ele daqui – disse Reef, levantando-se de sua cadeira.

– Não – opôs-se Ária. Soren era filho de Hess. Fosse ele merecedor ou não, os Ocupantes o veriam como um líder, junto com ela. – Ele está comigo. Eu pedi que ele viesse.

– Então, ele fica – disse Perry calmamente. – Vamos começar.

Isso a surpreendeu. Ela havia ficado preocupada com a possível reação de Perry. Soren e ele haviam se desprezado mutuamente desde a primeira vez em que se viram.

Quando todos se sentaram em volta da mesa, Ária não deixou de ver a expressão sombria que Reef lançou em sua direção. Ele achava que Soren perturbaria a reunião. Ela não deixaria que isso acontecesse.

Ela sentou ao lado de Roar, o que pareceu, ao mesmo tempo, certo e errado, mas Reef e Marron já estavam sentados um de cada lado de Perry. Roar esparramou-se em sua cadeira e deu uma longa golada na garrafa de Luster. Para ela, pareceu uma atitude de raiva e determinação. Ela queria arrancar-lhe a garrafa das mãos, porém muito já havia sido tirado dele.

– Como vocês sabem, Hess e Sable estão em vantagem – começou Perry. – E o tempo está contra nós. Temos que agir imediatamente. Amanhã de manhã, eu vou liderar um grupo até o acampamento deles com o objetivo de resgatar Cinder, pegar as aeronaves que precisamos e obter o caminho para o Azul Sereno. Para planejar a missão, eu preciso de informação. Preciso saber o que você viu – disse, voltando-se para Roar –, e o que você sabe – agora se dirigia a Soren.

Enquanto falava, o cordão de Soberano de Sangue cintilava e as luzes das velas refletiam em seus cabelos, que estavam puxados pra trás, com algumas mechas soltas. Ele estava com uma camisa escura, apertada nos ombros e braços, mas Ária facilmente se lembrava das Marcas que ela ocultava.

O guerreiro bruto de olhar voraz que ela conhecera meio ano atrás tinha quase desaparecido. Agora ele estava confiante, mais equilibrado. Ainda era intimidador, mas estava mais controlado. Ele era tudo que ela esperava que ele se tornasse.

Seus olhos verdes passaram por ela e pararam, por um instante, como se ele soubesse o que ela estava pensando, antes de se desviarem para Roar, ao lado dela.

– Quando quiser falar, Roar, pode começar...

Roar respondeu sem se dar ao trabalho de sentar direito, ou elevar a voz.

– Hess e Sable juntaram forças. Estão no platô entre Pinheiro Solitário e o rio Cobra, numa clareira a céu aberto. É um grande acampamento. Parece mais uma pequena cidade.

– Por que ali? – perguntou Perry. – Por que unir forças no continente, se o Azul Sereno fica do outro lado do mar? O que eles estão esperando?

– Se eu tivesse essas informações – respondeu Roar –, eu teria dito.

Ária girou rapidamente a cabeça na direção dele. Por fora, ele aparentava estar quase entediado, mas seus olhos tinham uma expressão predatória que não estava ali instantes antes. Ele segurava a garrafa de bebida com força, com os músculos do antebraço contraídos.

Ela olhou ao redor da mesa, captando outros sinais de tensão. Reef estava sentado à frente fulminando Roar com o olhar. Marron lançou um olhar nervoso para a entrada, onde Gren e Twig estavam postados parecendo duas sentinelas. Até Soren percebera que havia alguma coisa errada. Ele desviava o olhar de Perry para Roar, tentando descobrir o que todos sabiam e ele não.

– Você gostaria de compartilhar mais alguma coisa? – disse Perry calmamente, ignorando o comentário sarcástico de Roar.

– Eu vi a frota de aeronaves – respondeu Roar. – Conteí uma dúzia igual àquela do lado de fora, perto do costão, e também outros modelos menores. Estão perfiladas no platô, perto de um negócio segmentado todo enroscado como uma cobra. É imenso... Cada unidade parece mais um prédio do que uma aeronave.

Soren deu uma fungada.

– O negócio segmentado e enroscado chama-se Komodo X12.

Os olhos sombrios de Roar voltaram-se para ele.

– Isso ajudou muito, Ocupante. Acho que agora ficou tudo mais claro.

Ária desviou o olhar de Soren para Roar, com o pavor percorrendo suas veias feito gelo.

– Você quer saber o que é o Komodo? – perguntou Soren. – Eu vou lhe dizer. Melhor ainda, que tal você tirar um desses tapetes para eu fazer um desenho na parede da caverna? Então, nós poderíamos fazer um ritual, um sacrifício, ou algo assim. – Soren olhou para Perry. – Quem sabe, talvez você pudesse arranjar uns tambores e umas mulheres seminuas?

Ária tinha alguma experiência em lidar com Soren e estava preparada. Ela virou-se para Marron.

– Desenhos ajudariam? – perguntou, combatendo o sarcasmo de Soren com objetividade.

Marron debruçou-se sobre a mesa.

– Ah, sim. Ajudariam imensamente. Quaisquer especificações que você puder compartilhar em relação a essas aeronaves: sua velocidade, autonomia de voo, capacidade de carga, artilharia, suprimentos de bordo... Na verdade, Soren, qualquer informação seria muito útil. Saberíamos que tipo de aeronave nós precisaríamos. Poderíamos preparar as melhores. Sim, desenhos e qualquer informação que você possa se lembrar. Obrigado.

Perry virou-se para Gren.

– Traga papel, uma régua, canetas.

Soren olhou para Marron, depois para Perry e Ária, boquiaberto.

– Não vou desenhar nada. Eu estava *brincando*.

– Você acha que a nossa situação é uma brincadeira? – perguntou Ária.

– O quê? Não. Mas eu não vou ajudar esse Selvag... essa gente.

– Eles vêm cuidando de você há dias. Acha que estaria vivo, se não fosse por *essa gente*?

Soren olhou em volta da mesa pronto para discutir, mas não disse nada.

– Você é único que conhece os flutuantes – prosseguiu Ária. – Você é o especialista. Também deve nos contar tudo que sabe sobre os planos de seu pai com Sable. Cada um de nós precisa saber o máximo possível.

Soren fez uma cara feia.

– Você só pode estar brincando.

- Não acabamos de concordar que isso não é motivo para brincadeira?

- Por que eu deveria confiar neles? - perguntou Soren, como se não houvesse nenhum Forasteiro presente.

- Que tal o fato de você não ter escolha?

O olhar furioso de Soren se voltou para Perry, que, na verdade, olhava para Ária, fechando os lábios com força como se lutasse para não sorrir.

- Tudo bem - disse Soren. - Eu direi o que sei. Eu interceptei uma das comunicações entre meu pai e Sable, antes que Quimera... ruísse.

Quimera não havia apenas ruído. A cidade havia sido desertada. Milhares de pessoas tinham sido abandonadas e deixadas para trás, para morrer, pelo pai de Soren, Hess. Ária compreendia por que Soren talvez não quisesse chamar a atenção para este fato.

- Sable e alguns de seus homens de confiança têm memorizadas as coordenadas para o Azul Sereno - continuou ele. - Mas o negócio vai além de saber a localização. Há uma barreira de Éter, em algum lugar no mar, e a única forma de chegar ao Azul Sereno é abrir uma brecha por ela. Sable disse que havia encontrado um meio de atravessá-la.

A sala caiu em silêncio. Todos sabiam que esse *meio* era Cinder.

Perry esfregou o queixo, primeiro indício de que a raiva estava surgindo em seu rosto. Nas costas da mão dele, Ária viu as cicatrizes que Cinder deixara, marcas claras e grossas.

- Tem certeza de que Cinder está lá? - perguntou ele, virando-se para Roar. - Você o viu?

- Eu tenho certeza absoluta - respondeu Roar.

Alguns segundos se passaram.

- Não tem mais nada a acrescentar, Roar? - perguntou Perry.

- Você quer mais? - Roar levantou-se. - Tem mais: Cinder estava com uma menina chamada Kirra, que esteve aqui na aldeia, segundo Twig. Eu a vi levando-o para dentro daquele negócio, o Komodo. Sabe quem mais está lá dentro? Sable. O homem que matou sua irmã. As aeronaves que precisamos também estão lá, já que imagino que aquela do lado de fora não poderá transportar todos nós até o Azul Sereno. Pra mim, parece que eles têm tudo e nós não temos nada. É isso, Perry. Agora você sabe da situação. O que recomenda que a gente faça? Fique nesse buraco miserável e converse mais um pouco?

Reef bateu a mão na mesa.

– Chega! – berrou, levantando de sua cadeira. – Você não pode falar com ele desse jeito. Eu não vou permitir.

– É o luto falando – disse Marron baixinho.

– Não me interessa o que é. Isso não é desculpa para o comportamento dele.

– Falando em desculpa – debochou Roar –, faz tempo que você vem procurando um jeito de arrumar briga comigo, Reef. – Ele se levantou e abriu os braços. – Parece que encontrou.

– É exatamente disso que eu estou falando – exclamou Soren, sacudindo a cabeça. – Vocês são uns animais. Eu me sinto um zelador de zoológico.

– Cale a boca, Soren. – Ária se levantou e pegou o braço de Roar. – Por favor, Roar. Sente-se.

Ele sacudiu o braço se soltando. Ária se retraiu, quando a dor irrompeu nela, e sorveu o ar num chiado. Ela tinha usado o braço bom, mas ele fez um movimento tão brusco, que deu um solavanco nela, provocando uma dor pungente em seu bíceps machucado.

Perry levantou-se como um raio.

– Roar!

Na mesma hora, a sala caiu em silêncio.

O braço de Ária tremia, pressionado junto à barriga. Ela se forçava a relaxar. Para esconder as ondas de dor que a inundavam por dentro.

Roar olhou pra ela em silêncio, mortificado.

– Eu esqueci – disse baixinho.

– Eu também. Não faz mal. Estou bem.

Ele não tivera a intenção de machucá-la. Jamais faria isso. Mesmo assim, ninguém se movia. Ninguém dava um pio.

– Eu estou *bem* – ela repetiu.

Lentamente, a atenção da sala voltou-se para Perry, que encarava Roar com um olhar fulminante de ódio.

Leia também de Veronica Rossi

SOB O CÉU DO NUNCA

PELA NOITE ETERNA

A CAMINHO DO AZUL SERENO

ROAR E LIV: HISTÓRIAS DA TRILOGIA NEVER SKY